

# Dante Cultural

Ano V - nº 13 - Novembro/2009

ISSN 1980-637X



## Academia Paulista de Letras

Uma homenagem ao centenário da instituição que reúne grandes nomes de diversas áreas do conhecimento

## Perfil

O maestro Salvatore Callia, que marcou a história do ensino de Música no Dante e teve suas obras reconhecidas internacionalmente

## Cinema

Sophia Loren, a mulher mais bela do cinema italiano

## Norberto Bobbio

O filósofo italiano que teorizou a democracia

# Lembranças de um tempo de guerra

Italianos e descendentes que sofreram preconceito em terras brasileiras e até perdas irreparáveis por conta da Segunda Guerra Mundial - ou que construíram uma vida melhor em nosso país fugindo das dificuldades de uma Itália derrotada

# Cuidar bem de quem você ama ficou mais fácil.

Proteger sua família sempre foi uma prioridade para você. Por isso queremos convidá-lo a conhecer o Sistema de Blindagem Danguard da Japan Boudan Blindados.

O sistema **Danguard** de blindagem foi desenvolvido por engenheiros japoneses responsáveis pela blindagem de autoridades japonesas, atende o nível de blindagem III-A, e teve cada detalhe de seu projeto estudado para preservar a qualidade **Toyota Corolla**.

Visite a Toyota Tsusho e descubra que segurança tem preço, e é menos do que você imagina.



## Principais Vantagens

- Manutenção do conforto e dirigibilidade
- Manutenção da vida útil dos componentes do veículo
- Maior comodidade com a centralização do atendimento na concessionária
- Confiabilidade e precisão japonesa



São Paulo  
**5586-5555**  
Av. Prof. Abraão de Moraes, 2.250  
Continuação de R. João Jelei - Bairro Saúde

Mogi das Cruzes  
**4795-5555**  
Av. Vol. Fernando Pinheiro Franco, 544

 **TOYOTA TSUSHO**



# Mensagem do Presidente

## O livro

Aquela manhã do mês de dezembro, próxima ao dia do Natal, era fria. Um garoto que aparentava nove anos caminhava, pés nus, por um atalho que atravessava a mata espessa, única via de acesso ao distante povoado. Já se contava mais ou menos uma hora de estrada percorrida, quando apareceram as primeiras habitações.

Na primeira delas, um esmaecido casebre, via-se recostado à porta da frente um humilde casal, que, percebendo que aquela criança, descalça, apresentava-se com os pés feridos, dela se condeou. Acolheu-a, alimentou-a com pão e manteiga, e aguado café. Com um par de meias e um sapato de um dos seus filhos, calçou-a. Agradecido, o menino pediu a benção aos seus benfeitores e prosseguiu na marcha.

Foram aparecendo outras moradias simples, até que, numa delas, à porta, estava uma menina. Notando o estado precário da vestimenta do garoto, camisa rasgada, calça bem surrada, quase transparente, correu para dentro e comunicou o fato a seus pais. Estes, generosos, como costuma acontecer com a gente humilde, chamaram o menino. Estranharam que, apesar do estado deplorável da roupa, ele apresentava sapatos e meias razoavelmente conservados. A ele logo perguntaram o motivo de possuir os pés calçados. Respondeu-lhes narrando o que antes ocorrera. A boa família seguiu o exemplo da anterior, oferecendo-lhe novas roupas. Saiu, então, novamente a caminhar, depois de haver pedido a benção aos seus benfeitores.

Mais adiante, viu um grupo de crianças bem arrumadinhas caminhando com maletas e lancheiras em direção à escolinha pública, a qual desejava também frequentar. Pensou com os seus poucos botões: onde iria ele conseguir o material que havia poucos instantes vira?

Repentinamente, diante dele, quando já ia baixar os olhos para desistir, surge um religioso que se distinguia pelos trajes escuros, empoeirados, que logo quis saber por que ele havia esquecido seus utensílios escolares.

- Moço, disse ele, por milagre estou calçado e vestido.

- Menino, vais receber também por milagre tudo o que necessitas para ingressar na escolinha.

E assim se procedeu. Abençoado pelo padre, prosseguiu confiante.

Eis que o infante se vê alojado numa classe dispondo até de lápis e papel. O estojo e o caderno não haviam escapado à atenção do seu benfeitor. Porém a mestra notou que, quando solicitava aos alunos que pusessem o livro de leitura sobre as carteiras, a única que estava vazia era a dele. Perguntou-lhe:

- Você esqueceu o livro em casa?


- Oxalá tivesse esquecido, professora. Eu não tenho livro e gostaria de saber para que serve, pois só agora vejo o que era meu sonho.

Longe de se irritar, a paciente professora, que dispunha sempre de alguns exemplares para esses imprevistos, ficou radiante em entregar-lhe o livro, que foi recebido pelas acolhedoras e agradecidas pequenas mãos.

Ao verificar a presença dos alunos pela chamada de classe, a professora estranhou o fato de que o menino não levantara a mão. Percebeu, então, que ele não estava sequer registrado. Regularizou sua presença, dizendo-lhe que não poderia faltar às aulas. Imagine-se a alegria que invadiu aquele pequeno ser. Obediente, o garoto concluiu todos os estudos, então primários e secundários.

Foi o livro que abriu os horizontes do Afonso, menino pobre, nascido num dos municípios mais necessitados da década de 30. Notem bem: tornou-se diretor da escolinha que o recebeu e prosseguiu nos estudos universitários, alcançando posição de relevo como advogado na sociedade paulista. Conheci-o pessoalmente quando já era titulado de Dr. Afonso, e dele ouvi este relato.

Por José de Oliveira Messina



Você sempre  
volta diferente  
de uma viagem.

**Cursos no exterior | High School**  
**Intercâmbios de trabalho | Viagens**

ABC - 4979-5511 | ALPHAVILLE - 4195-9740  
CAMPUS SENAC - 5522-5012 | ITAIM - 3071-1244  
JARDINS - 3063-5992 | HIGIENÓPOLIS - 3661-0286  
LAPA - 3892-9865 | MOEMA - 5054-0292 | MORUMBI - 3772-0303  
PAULISTA - 3285-3161 | SANTANA - 2959-9722 | TATUAPÉ - 2675-1765  
TELE VENDAS - 3038.1555

**STB**  
Student Travel Bureau

[www.stb.com.br](http://www.stb.com.br)

# Carta ao leitor

Almoço festivo de domingo, daqueles meio raros de acontecer hoje em dia. A *nonna*, na cozinha, supervisiona os últimos preparativos. Na sala de visitas, as crianças correm e ouvem, de longe, um pouco da conversa dos adultos. Os mais idosos, mais uma vez, relembram casos de outrora: alguns impregnados de alegria, como os velhos bailes, os encontros com mocinhas moderninhas ou com rapagões impertinentes; outros que deixaram feridas, como a vida na época da guerra, quando era proibido até conversar em italiano. São histórias como estas últimas que formam a nossa bela matéria de capa. Nela, conheceremos Bettina Orrico, que narrou à nossa colaboradora sua emocionante transição da infância para a adolescência em uma Bahia onde adversários do combate que acontecia na Europa perseguiram os italianos. Enquanto isso, em São Paulo, o patriarca dos Gianesi, já naturalizado, via sua família se abasileirando, o que tornava a vida deles mais fácil por aqui. Mas o mesmo país que maltratava os *oriundi* durante os tempos do conflito deu alento a muitos deles no pós-guerra, como aconteceu com Angelo Mariano Luisi. Combatendo pelo exército fascista na África, foi preso e, ao voltar para uma Itália perdedora e empobrecida, resolveu, recém-casado, tentar a vida no Brasil, onde se realizou e permanece até hoje.

Outra história que veremos é a da centenária Academia Paulista de Letras, em que têm lugar alguns ex-alunos do Dante. Entre os ex-alunos, Miguel Reale e Antonio Penteado Mendonça, e entre os ex-professores, Odilon Nogueira de Matos e Paulo Nathanael Pereira de Souza. O presidente da instituição, José Renato Nalini revela em entrevista sua vontade de tornar a Academia mais acessível ao público.

Outro centenário que comemoramos é o de nascimento do pensador e filósofo italiano Norberto Bobbio, cujas ideias apresentamos nesta edição.

A trajetória da famosíssima atriz italiana Sophia Loren, que continua atuando aos 75 anos, é mais um assunto que merece atenção neste número de nossa revista. No início, vista apenas como uma bela mulher, *la Loren* soube conquistar os cinéfilos do mundo todo também por seu talento.

Temos outros assuntos de destaque: a carreira de um dos pioneiros da música eletrônica mundial, Giorgio Moroder, responsável também por algumas das mais famosas trilhas sonoras do cinema estadunidense; o **Perfil** do maestro e compositor Salvatore Callia, que, além de ter deixado mais de 500 obras, como sinfonias, óperas e hinos, foi professor de música de várias gerações de dantianos; e a **Entrevista** com o ex-aluno Marcello Mattos Araújo, que nos conta os desafios de ser o atual diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo, uma das maiores instituições de arte do país.

Além da seção de **Gastronomia**, em que a *chef* Silvia Percussi nos brinda com receitas da região da Basilicata (também tema de **Turismo**), nosso **Ensaio Fotográfico** também está de dar água na boca, com imagens deliciosas de pratos que são releituras de especialidades italianas, feitos, porém, com ingredientes bem brasileiros.



Rodrigo Fumari

Novamente, é chegada a hora de se despedir de mais um ano. Em 2009, publicamos muitos assuntos interessantes. Esperamos, em 2010, continuar com a mesma qualidade, provocando no leitor o mesmo prazer que sentimos em produzir as reportagens.

Boas festas e um excelente ano novo!

**Fernando Homem de Montes**  
Publisher

	Notas <b>8</b>
O Oscar da Oficina de Cinema, a Feira do Livro e a ex-aluna que faz arte com canetas esferográficas	
	Entrevista <b>10</b>
O diretor da Pinacoteca fala de arte e lembra os tempos de Colégio	
	Capa <b>16</b>
Longe do front, italianos que migraram para o Brasil mudaram de vida por causa da Segunda Guerra	
	Norberto Bobbio <b>22</b>
As ideias ainda atuais do pensador italiano que faria cem anos em 2009	
	APL <b>26</b>
A instituição que valoriza a obra intelectual paulista completa cem anos	
	Literatura <b>30</b>
Questões sem resposta em tempo de guerra: o mote de <i>Sem sangue</i> , de Alessandro Baricco	
	Música <b>34</b>
Giorgio Moroder: um dos pioneiros da música eletrônica e seus hits das décadas de 70 e 80	
	Cinema <b>36</b>
A carreira e um pouco da vida de uma grande atriz do cinema italiano, Sophia Loren	
	Perfil <b>38</b>
Salvatore Callia, um rigoroso professor e dedicado maestro que fez história no Dante	
	Espaço aberto <b>42</b>
"(...)sonhos que se perdem no emaranhado de concreto, e os dois caminham pela grande avenida quase vazia, quase silenciosa, toda iluminada."	
	Ensaio fotográfico <b>44</b>
Nhoque, lasanha, pizza e outros pratos italianos revisitados pelos brasileiros	
	Gastronomia <b>48</b>
Tradição e simplicidade na cozinha da Basilicata	
	Turismo <b>52</b>
As atrações de uma região montanhosa e tranquila, afastada dos grandes centros	
	Artigo/Educação <b>58</b>
Os distúrbios que podem surgir com a busca obsessiva pelo corpo perfeito	
	Memória <b>59</b>
	Álbum aberto



A Revista DanteCultural (ISSN 1980-637X)  
é uma publicação do Colégio Dante Alighieri

**José de Oliveira Messina** - Presidente  
**José Luiz Farina** - Vice-presidente  
**Salvador Pastore Neto** - Diretor-secretário  
**Adriana Berti Fontana** - 2ª Diretora-secretária  
**João Ranieri Neto** - Diretor-financeiro  
**Milena Montini** - 2ª Diretora-financeira  
**José Piovacari** - Diretor-adjunto  
**Francisco Parente Júnior** - Diretor-adjunto  
**Sérgio Famá D'Antino** - Diretor-adjunto  
**José Perotti** - Diretor-adjunto

**Lauro Spaggiari** - Diretor Geral Pedagógico

## DanteCultural

**Fernando Homem de Montes** - Publisher

**Marcella Chartier** - Editora (jornalista responsável - MTb: 50.858)

Revisão: **Luiz Eduardo Vicentin**

Projeto Gráfico: **Nelson Doy Jr.**

Diagramação e arte: **Simone Alves Machado e Joyce Buitoni (assistente)**

Ilustrações: **Milton Costa**

Comercial: **Vinicius Hijano**

Colaboradores: **Ana Carolina Addario, Antonio Ricardo Soriano, Edoardo Coen, Fernanda Quinta, Laura Folgueira, Lia Coldibelli, Luana Alves, Natália Garcia, Nicholas Merlone, Silvana Leporace, Sílvia Percussi, Tadeu Brunelli**

### Cartas

Mande suas sugestões e críticas para [dantecultural@cda.collegiodante.com.br](mailto:dantecultural@cda.collegiodante.com.br)

Tiragem: 8.500 exemplares

Colégio Dante Alighieri  
Alameda Jaú, 1061. São Paulo-SP  
Fone: (011) 3179-4400  
[www.collegiodante.com.br](http://www.collegiodante.com.br)



Dante em parceria  
com a natureza

# Notas

## Os nossos cineastas



Jacson da Silva

e Gabriel Bdine, da 3ª série do Ensino Médio, - que ganharam aparelhos mp5 e estatuetas que imitam a da cerimônia mais famosa do cinema (os outros cineastas também levaram estatuetas para casa). "Aprendi que precisa-se de muito mais trabalho do que eu imaginava para um filme acontecer", opinou o aluno Gabriel Bdine. "A experiência de participar da oficina não poderia ter sido melhor, adorei."

A partir de frases de Leonardo da Vinci, Galileu Galilei e Dante Alighieri, os integrantes da oficina montaram seus pequenos filmes, rodados na Escola. "Conseguimos o que todo professor sonha: interesse, envolvimento e entusiasmo", afirmou o prof. Alfredo Von Sydow, da produtora Hans Vahana - um dos responsáveis pela Oficina de Cinema. "O objetivo desse curso é fazer os alunos saírem com um olhar crítico mais apurado, e a linguagem audiovisual provoca isso", afirma a profa. Valdenice Minatel, coordenadora do Departamento de Tecnologia Educacional, também responsável pela oficina.

**E**les ainda estão aprendendo sobre a arte das telonas, mas já participaram de um "Oscar": o melhor filme produzido pelos alunos da Oficina de Cinema do Dante foi premiado no dia 26 de agosto, em uma sala do edifício Leonardo da Vinci. O trabalho vencedor, escolhido por júri composto de professores e funcionários do Colégio, foi o filme *Passando a limpo*, dos alunos Victor Thut, do 9º ano do Ensino Fundamental, Alexandre Garcia e Nicholas Ozu, da 1ª série do Ensino Médio

## 14 anos de Feira do Livro no Dante



Jacson da Silva

homenagem constou de um cenário que, ao lado da imagem do rosto do poeta, retratava a paisagem da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, e reproduzia seu famoso calçadão, ícones que tanto inspiraram Vinicius.

Além da exposição dos cerca de 6.700 títulos à venda no pátio do edifício Michelangelo para alunos, pais, professores e funcionários, e das palestras e atividades oferecidas aos estudantes ao longo da semana, houve o lançamento de quatro livros: "Meus Pensamentos III", do presidente do Dante, dr. José de Oliveira Messina; *A última lágrima*, da aluna da 2ª série do Ensino Médio, Cristiana Lembo; *Mergulho na alma*, do ex-aluno Tarso Firace; e *Os Natos II: deu a louca no mundo*, do também ex-aluno Beto Junqueyra.

**T**rês grandes nomes da história foram os homenageados na edição de 2009 da já tradicional Feira do Livro do Colégio, que aconteceu de 19 a 26 de setembro: Charles Darwin, Euclides da Cunha e Vinicius de Moraes. Para este, a



# Arte com canetas esferográficas

Nas aulas de Arte, quando ainda aluna do Dante, Viviane Padin terminava rapidamente seus trabalhos, e então passava o restante do tempo ajudando a professora. Começou a se interessar por arte aos 13 anos, e logo conseguiu que sua mãe a matriculasse em um curso de desenho e pintura. Desse modo, foi como que natural cursar, após ter-se formado na Escola, Design Gráfico, diplomando-se na Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Isso, porém, ainda não era exatamente o que Viviane desejava como carreira. Tornou-se, então, administradora de empresas, mas não parou de desenhar. Em 2005, lançou mão de um recurso que se tornou sua peculiaridade profissional: o uso de canetas esferográficas. As obras são delicadas e ricas em curvas e cores, e o traço da artista é detalhista. Neste ano, Viviane apresentou seu trabalho em uma feira de arte em Nova York e no Espaço Cultural Banco Central, em São Paulo,

Viviane Padin



onde participará, com três obras, de uma nova exposição (desta vez coletiva), a realizar-se de 9 de dezembro a 8 de janeiro de 2010.



## CURSO DE LÍNGUA ITALIANA

**Período da manhã:** das 08:00 às 9:30 horas

**Período da tarde:** das 14:30 às 16:00 horas

**Período da noite:** das 19:00 às 20:30 horas

**Dias:** 2ª e 4ª-feira, ou 3ª e 5ª-feira

**Curso regular completo:** 6 estágios (2 por ano)

**2 Básicos • 2 Intermediários • 2 Avançados**

**1º Quadrimestre:** de março a junho

**2º Quadrimestre:** de agosto a novembro

**Valor do quadrimestre:** em 4 parcelas mensais

**Isenção de matrícula**

**Máximo de alunos por sala:** 12

**Qualificação:** Certificado de Conclusão

**ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DO COLÉGIO DANTE ALIGHIERI**

Al. Jaú, 1.135 - Cerqueira Cesar - Cep: 01420-001 - Telefone: (11) 3284-6011

[www.aeda.com.br](http://www.aeda.com.br)

[aeda@aeda.com.br](mailto:aeda@aeda.com.br)



# Entrevista



Divulgação

# Em nome da arte

A paixão pelos museus levou Marcelo Mattos Araújo ao cargo mais alto de uma das maiores instituições de arte do país

Por Laura Folgueira Fotos: Divulgação

Marcelo Mattos Araújo passa todos os dias na presença de grandes artistas. Ele é diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo, um dos museus mais importantes da cidade, com acervo de 2 mil obras. Mesmo quando não está andando pelos corredores das exposições em cartaz - em outubro de 2009, havia três mostras -, ele pode apreciar as obras que ficam escondidinhas dentro do escritório de pé-direito altíssimo (o prédio é do final do século XIX), onde trabalham cerca de 20 pessoas. Talvez a atmosfera histórica, em nada parecida com um escritório, ajude a deixar a sala de Marcelo com cara de uma sala de estar.

Foi lá que ele nos recebeu para esta entrevista, na qual relembra os sete anos em que estudou no Dante (entre 1967 e 1973), tempo em que começou a se interessar por arte. Quando saiu do Colégio, foi estudar Direito, antes de perceber que seu amor por museus poderia tornar-se profissão - então, fez um curso de especialização em Museologia na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e tornou-se museólogo. Em 2002, doutorou-se em Arquitetura e Urbanismo pela USP. Do Dante, guardou mais do que lembranças: muitos de seus grandes amigos são pessoas que ele conheceu lá, como o médico Marcelo Cecaf, presidente da Associação dos Amigos da Pinacoteca.

Depois de 25 anos de carreira, e aos 53 de idade, ele se preocupa com a formação de um novo público de arte. "É preciso entender qual o papel dos museus hoje na construção da cidadania e na alfabetização visual do público", diz. É esse seu trabalho diário.

**O que o senhor se lembra dos tempos de colégio?**

Antes do Dante, fiz o primário em uma escola pequena que não existe mais. Quando eu passei para o Dante, minha primeira impressão era a de estar em uma escola imensa. Além disso, o ginásio [*hoje Ensino Fundamental II*] era separado: masculino de manhã e feminino à tarde; e essa escola em que eu estudava antes era mista. Foi um impacto. Já no clássico [*atual Ensino Médio*] existiam só três turmas, e era misto, então de novo era uma coisa mais próxima. Nessa época, ali na frente, onde tem o estacionamento [*o pátio dos ônibus*], ainda havia uma casa, e toda aquela parte da garagem não existia. Então tinha ainda uma parte do Colégio que era quase como se fosse uma espécie de sítio. Nessa casa tinha um muro de tijolinhos, e a gente ia pegar ovos de lagartixa nele. Tenho lembranças de

personagens que naquela época eram tradicionais, como os professores famosos; eu tinha aula [*de Música*] com o maestro Callia no ginásio, depois, de História com a Ofélia no clássico, e de Português com o Soderó.

**Era bom aluno?**

Sempre fui. Todo ano havia uma colocação dos melhores alunos por bimestre, e no fim do ano tinha uma medalha, que os três melhores de cada classe ganhavam. Até hoje tenho as medalhas, duas medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze. No ginásio inteiro tive uma nota vermelha em Matemática, o que para mim foi um desespero. Foi uma vergonha enorme, meu pai era super-rígido com notas. Na época passei horas estudando, e consegui recuperar. Eu tinha muito orgulho de sempre passar direto, não precisar fazer exame. Mas era um desafio grande, porque o Dante sempre foi

uma escola exigente, que pedia uma dedicação muito grande.

**Como a formação do Dante ajudou na sua carreira?**

Foi uma formação muito boa. Lembro que naquela época estudávamos três línguas: inglês, francês e italiano. A gente estudava filosofia, literatura... Como minha formação foi voltada para essa área, a carga humanista grande foi fundamental na minha vida, tanto no sentido de facilitar meu ingresso na faculdade quanto no de me dar uma formação que até hoje é importante do ponto de vista profissional.

**O senhor se formou em Direito, e depois foi fazer Museologia. Como foi essa passagem? Chegou a trabalhar como advogado?**

Sim, eu me formei, me inscrevi na Ordem *[dos Advogados do Brasil]*, trabalhei por alguns anos. Na verdade, fui fazer Direito porque minha primeira vontade era fazer diplomacia. Fiquei pensando um pouco, viajei por um ano, e depois decidi que queria trabalhar com museus, porque eu tinha sempre gostado muito e daí fui fazer Museologia. Fiz a especialização e depois doutorado. E comecei quase imediatamente a trabalhar, primeiro no Museu Lasar Segall, onde fiquei por vinte anos, e depois aqui na Pinacoteca, onde estou desde 2002.

**De onde veio esse gosto por museus e arte?**

Na minha família não tem ninguém que tenha uma atuação artística. Acho que foi uma definição minha. Lembro que na época do Dante eu ia muito ao Masp; era só atravessar o parque. Desde aquela época eu já gostava muito de museus e de artes visuais. Adorava história da arte. Eu também tive aula de Arte, mas nunca tive o menor dom em termos de criação artística. A aula de desenho para mim era uma tortura, principalmente quando era desenho livre. Eu me lembro de que, no segundo ano do clássico, na primeira prova eu fiz um desenho, em que consegui uma composição, e na segunda prova acabei fazendo o mesmo desenho, e a professora me deu a maior bronca. Os museus foram uma possibilidade de trabalhar com arte.

**Como foi sua trajetória no Lasar Segall, nos vinte anos em que passou de estagiário a diretor?**

Foi muito importante para mim, o espaço da minha formação. É uma instituição de qualidade, consolidada, por isso foi um grande privilégio. Lá convivi com pessoas que foram fundamentais, como o Maurício Segall, fundador, que era o diretor do museu. É uma instituição pela qual eu tenho um carinho especial.

**Como o senhor acha que é a relação dos jovens e crianças hoje em dia com a arte e o espaço dos museus?**

Acho que melhorou muito. Quando eu estudei, mesmo no Dante, que era uma escola que tinha essa preocupação, nós não visitávamos museus. Eu me lembro dessas idas ao Masp por uma iniciativa minha. Nós tínhamos aulas de história da arte, mas não havia esse hábito de visitar os museus. Hoje essa é uma prática totalmente difundida. Eu diria que todas as escolas de São Paulo, da rede pública e da rede privada, em maior ou menor grau, adotam esse tipo de atividade. Isso é importante como incentivo para os jovens descobrirem o museu e criarem essa relação, que é instigante e pode ter também um papel muito importante no processo educativo. É uma prática consolidada e os museus, hoje, têm uma estrutura técnica e se voltam muito para parcerias com escolas.

**Na Pinacoteca isso é uma prática muito difundida, não é?**

Muito. Criar essa relação é um foco enorme da política atual da Pinacoteca, uma parte bastante considerável dos nossos investimentos, tanto em recursos humanos como em projetos voltados pra essa área educativa. Temos vários programas que focam a rede escolar e outros, públicos específicos, como portadores de necessidades especiais. Buscamos mesmo criar essas relações, e no universo escolar isso é fundamental também com os professores, que são os grandes interlocutores entre o museu e os estudantes. Temos materiais desenvolvidos para auxiliar os professores em sala de aula, materiais para o aluno, visitas monitoradas, cursos pra professores...

**Já chegou a acompanhar alguma visita das escolas?**

Muitas vezes, tanto no Lasar Segall quanto aqui na Pinacoteca. Para mim, como diretor, é importante. Não é muito frequente, infelizmente, mas de tempos em tempos, quando é possível, eu vou; mantenho uma discussão, essa sim permanente, com toda a nossa equipe educativa, que é altamente qualificada, para saber dos desafios e necessidades.

**E nessas visitas, o que você nota nos alunos?**

Uma ansiedade, uma vontade muito grande. É uma característica desse período da vida, essa expectativa de conhecer. Muitas vezes os alunos já têm, felizmente, uma informação dada pela escola a respeito do museu e do que eles vão encontrar aqui.

**O senhor foi professor da USP. Como seu trabalho como diretor e como professor se complementam?**

Tive a oportunidade de atuar como professor do curso de especialização em Museologia que foi oferecido pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP durante muitos anos, e era uma atividade essencialmente complementar ao meu trabalho na direção da Pinacoteca. Era um momento que me permitia uma sistematização do pensamento museológico e uma reflexão. Para mim

sempre foi muito importante apresentar para os alunos do curso visões de museologia, os processos de trabalho, a maneira como a museologia enxerga a realidade, como ela opera e desenvolve suas estratégias; e aprender, conversar, debater com eles, isso também é um aprendizado. Foi uma atividade muito estimulante por causa da confluência entre a minha atuação profissional e o objeto da aula.

**E foi um movimento natural entrar na academia, se tornar professor, fazer doutorado, dar aulas?**

Foi, porque a formação em Museologia parte, como em muitas áreas, de uma formulação teórica que busca uma aplicação na realidade, e justamente a partir da validação dessa aplicação encontra uma retroalimentação para um aprimoramento teórico. A busca por uma reflexão teórica, uma formulação conceitual no trabalho prático é fundamental para o aprimoramento do trabalho. Minha formação acadêmica foi muito importante. Ela é fundamental nessa área, e aí a questão da docência veio nessa sequência. Infelizmente hoje tenho muito pouco tempo disponível para a aula, mas acho extremamente estimulante, uma relação muito rica e produtiva.

**Quais são os desafios, na sua opinião, dos**



*O artista francês Celeste Boursier-Mougenot e o curador-chefe da Pinacoteca, Ivo Mesquita, no prédio do museu*

### **museus de arte brasileiros?**

O grande desafio para os museus é pensar qual o papel social que eles cumprem, podem cumprir e devem cumprir. É aí justamente que entra a parceria com a escola, para entender esse papel e ver quais são os melhores caminhos para que um museu possa ajudar no aprimoramento da nossa sociedade, da nossa cultura, das relações nas cidades. Acho que o museu tem que ter um papel efetivo no cotidiano das cidades onde eles estão localizados. Isso se consegue por meio de análise, avaliação e tentativa de entendimento. No caso dos museus de arte, a grande questão é a educação visual, contribuir para que as pessoas possam estabelecer uma relação de fruição da obra de arte, e que essa fruição contribua para a educação visual, a alfabetização visual. Da mesma maneira como você é alfabetizado para uma língua, existe também um processo de aprendizado para a leitura visual. E essa alfabetização visual infelizmente não é ensinada na escola, é adquirida ao longo de um processo de convivência social. Mas, às vezes, é importante que ela seja sistematizada, até para que as pessoas possam entender que ela se estrutura a partir de signos socialmente construídos, e que isso é muito importante. Nossa sociedade atual está calcada fundamentalmente em linguagens visuais; o cinema, a televisão, a publicidade desempenham papéis-chaves, e trabalham fundamentalmente com códigos visuais. Então, as pessoas podem entender como operam esses códigos, adquirir consciência desses mecanismos e socialmente ter um exercício de cidadania mais consciente.

### **E os museus têm também um papel na memória...**

Claro, é a questão de patrimônio, de preservação. Esse é um objetivo que os museus, independentemente da sua natureza - pode ser de arte, de história ou científico -, têm em comum: trabalhar o patrimônio preservado como um instrumento de formação da cidadania.

### **Como vocês decidem aqui quais exposições vão entrar em cartaz?**

Isso é feito primeiro a partir de um trabalho da equipe técnica de curadores da

Pinacoteca, de pesquisa e definição de linhas. Eles fazem propostas, que são encaminhadas para o conselho de orientação artística - dentro de linhas programáticas que já estão pre definidas - e aí há uma primeira aprovação do conselho. Essa proposta é encaminhada para a Secretaria Estadual da Cultura, para uma aprovação final, e a partir disso vai para sua implementação.

### **E como é a parceria com outros museus?**

É uma coisa que a gente busca cada vez mais. Um requisito muito importante para o sucesso de um trabalho museológico é a busca de parcerias institucionais. Grande parte dos nossos projetos se desenvolve justamente a partir dessas parcerias, ou com outros museus do Brasil e de São Paulo, ou com museus estrangeiros. Nós recebemos muitas exposições que vêm do exterior, e quase a totalidade delas é feita em parceria com as instituições de outros países.

### **A Pinacoteca também faz parcerias para enviar seu acervo?**

Também. Nós emprestamos muitas obras para exposições de outros museus de São Paulo e de outros países. Muitas vezes nós montamos exposições com o nosso acervo que também são apresentadas em outras cidades. Hoje em dia existe uma dinâmica de intercâmbio muito grande.

### **Você acha que o circuito de museus ainda é restrito? Como a arte pode chegar a mais lugares?**

Esse é um dos grandes desafios dos museus: ampliar e, mais do que isso, diversificar o público. Procurar aquelas parcelas da sociedade que, por questões culturais e econômicas, acabam ficando distantes dessas instituições. Hoje em dia cada instituição tem suas estratégias para atingir esse público diversificado. É uma conquista permanente e, claro, é um processo cultural que demanda tempo, mas é uma consciência que os museus já têm.

### **Ter sempre um dia de entrada gratuita no museu faz parte dessa estratégia?**

Sem dúvida. Os museus que cobram ingresso têm tradicionalmente pelo menos um dia gratuito. No nosso caso, é aos sábados, para justamente permitir que a grande parcela da população, que é a

parcela assalariada, que trabalha durante a semana, possa ter um dia do fim de semana gratuito, em horário mais favorável, para vir ao museu.

**E geograficamente? Como expandir o acesso além de um circuito Rio-São Paulo?** Existem grandes instituições museológicas fora do eixo Rio-São Paulo e uma concentração numérica de museus nessas duas cidades, o que é compreensível, por razões históricas. Mas há grandes instituições fora, como o novo Museu Iberê Camargo, em Porto Alegre, o Centro Cultural Inhotim, perto de Belo Horizonte... as duas são referências internacionais em termos de qualidade e atividades. Hoje em dia existe uma estrutura nacional muito rica, diversificada e consciente, e esse eixo que, durante certo tempo, marcou a realidade cultural brasileira está, na perspectiva dos museus, totalmente superado.

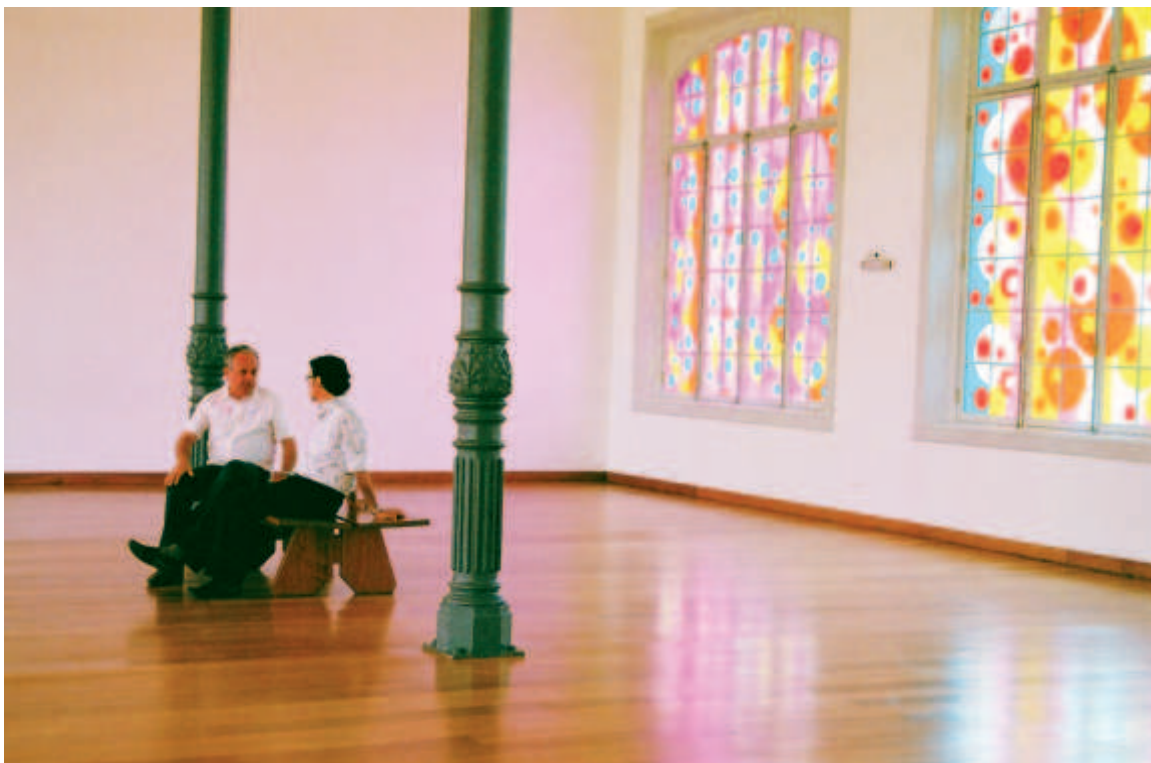
**Como é sua rotina como diretor da Pinacoteca?**

Acho que uma das grandes atrações do trabalho museológico é que não existe rotina. Quando penso em um dia de trabalho, imagino: 'bom, amanhã vou me programar pra fazer tais atividades'.

Quando chega o dia, tem sempre alguma inversão de pauta, alguma coisa nova... Por um lado isso é muito interessante, e por outro dificulta a organização do trabalho. Mas é muito rico. Minha rotina é formada por uma sucessão de inovações e imprevistos. Toda instituição que trabalha com o público tem essa dimensão altamente estimulante, de demanda do público visitante ou dos parceiros.

**O senhor é diretor de um dos maiores e mais bem-sucedidos museus do Brasil. Quais são seus próximos desafios profissionais?**

Meu próximo desafio profissional é aqui na Pinacoteca: consolidar e aprimorar o museu. Estamos num momento extremamente privilegiado, que não é resultado da minha atuação individual, mas de décadas de investimento do governo e da dedicação de diretores e funcionários que passaram por aqui. Sem dúvida é uma situação privilegiada em termos de visibilidade pública, realizações, implementação de projetos. Mas ainda resta muito, temos muitas ideias, muitos projetos e desafios. E meu grande desafio profissional, pelo menos para os próximos anos, é contribuir com esse aprimoramento.



*Marcelo com Roberto Brandão, presidente do Icom-Brasil (Conselho Internacional de Museus)*

# Capa

## Vidas transformadas pela guerra

Famílias de origem italiana tiveram seus destinos redefinidos depois da Segunda Guerra Mundial

Por Natália Garcia

**B**ettina voava. O sol forte dava poucas tréguas, e às vezes uma brisa lhe acariciava o rosto e ressecava as gengivas, expostas no largo sorriso. Pouco via do céu, só tinha olhos para o aviador. Não sabia seu nome, mas o rosto imponente e seguro daquele italiano já tinha conquistado seu amor. O voo lhe arrepanhou ainda mais o sorriso quando

passou a ser embalado por uma canção letrada em estranho dialeto. Um italiano, também viria ela a saber mais tarde. O avião já não voava, mas fazia piruetas no céu, e parecia que os dois dançavam sobre as nuvens. Mas um trovão fez o sol escurecer.

Bettina acordou e levantou assustada. Demorou a reconhecer o aroma de café que tantas vezes invadiu seu quarto durante a madrugada. Procurou debaixo do travesseiro a foto do aviador que tinha roubado da casa de uma tia. Reconheceu o protagonista de sua viagem onírica. A canção que tinha lhe embalado o sono agora atraía Bettina para a janela do quarto, de onde era possível avistar o piano que ficava na parte coberta do quintal de casa. Debruçou-se sorradeira para espiar de onde vinha a cantoria. Deu com seu pai, o italiano Brás Orrico Roberto, tocando uma canção italiana, com sua mãe, a baiana Cibele Orrico, sorrindo, e com um jovem trajando roupas de exército e cantando alto de encher o ouvido. O soldado partiria para a Itália de navio dali a poucos dias. Dessas coisas de adulto, Bettina pouco sabia. Aos onze anos de idade, tomava-se de paixão por essas figuras masculinas fortes que lhe cruzavam o fim da infância. E não foi diferente com o soldado cantor. O coração batia tão forte que Bettina não percebeu quando derrubou a foto do aviador no chão. Esses amores metiam mais medo que roubar manga na árvore do vizinho. Medo de ser descoberta, o que lhe abria um buraco negro de tensão por dentro. Mas quando seus olhos passeavam do jovem cantor para seu pai, o peito se aguava em amor seguro novamente. Naquela noite Bettina amou esses três homens intensamente. E os três únicos amores de sua vida lhe foram tirados pela



Natália Garcia

*A guerra transformou a vida de Bettina para sempre: hoje, aos 76 anos, ela se lembra com tristeza da dor de perder o pai, que segundo ela 'morreu de desgosto' por conta da derrota da Itália. Abaixo, ela ainda criança, com os pais (Brás e Cibele) e o irmão, José Alexandre*



Arquivo pessoal Bettina Orrico



guerra antes que ela pudesse entender o que se passava.

Era 1942. Bettina morava em um casarão na avenida Sete, em frente ao Hotel Bahia, no centro de Salvador. Ela pertencia à alta sociedade baiana. A mistura da Itália com a Bahia resultou numa garota muito mais arretada do que gesticulante. Bettina era temperamental, não gostava quando a mãe a obrigava a levar flores para agradar os donos da empresa de exportação Café Correia Ribeiro, onde seu pai era um importante diretor. Preferia ficar em casa, sozinha, a fantasiar amigos. Mas, aos onze anos, já conseguia compreender que algo em casa não ia bem.

O que Bettina não sabia é que o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, acabava de declarar guerra à Itália. Vargas adiou o quanto pôde seu posicionamento na Segunda Guerra Mundial, que eclodira em 1939. Com o ataque à base militar americana de Pearl Harbor, no início de 1942, o presidente dos Estados Unidos Franklin Roosevelt anunciou que entraria na guerra a favor dos aliados. Aí começou a pressão política para que os países da América Latina fizessem o mesmo. Diante desse cenário, Vargas declarou, em 11 de março de 1942, que cortaria relações comerciais com os países do Eixo e que os imigrantes italianos, alemães e japoneses teriam de pagar pelos danos sofridos pela nação.

Brás e Cibele sabiam que a polícia poderia bater em sua porta a qualquer momento para confiscar seus bens. Bettina ajudou os pais a embalarem, então, boa parte dos enfeites da sala, das louças e pratos da cozinha, e o retrato em bronze de Mussolini. Foram todos entregues a uma vizinha, para que os guardasse. Bettina não entendia os motivos de a sala estar agora vazia, de terem deixado de frequentar o clube aos domingos, e tampouco sabia por que sua camisa preta, vestimenta obrigatória no clube, tinha sido guardada no fundo do armário - de onde nunca sairia.

Brás era do partido fascista, que até 1941 dispunha de amparo legal no Brasil. Ia ao Clube Italiano de Salvador para conversar com seus conterrâneos, tomar muito vinho e discutir política - quando a sobriedade lhe permitia. O clube foi



Arquivo pessoal Bettina Orrico

*Depois de sair de Salvador, aos 18 anos, Bettina veio viver em São Paulo e estudou moda, aprendeu a cozinhar e se tornou até artista plástica. Mas o destaque na carreira veio mesmo com a gastronomia: ela se tornou consultora do tema na revista Claudia, da editora Abril*

fechado e o italiano recebeu um ultimato dos chefes: ou se naturalizava brasileiro, ou seria mandado embora. Brás, quando chegara ao Brasil, era Biaggio e tinha oito anos de idade. Ganhou um nome aporuguesado depois de tantos anos em terras brasileiras e eliminou os vestígios do sotaque napolitano. Mas naturalizar-se brasileiro, para ele, era pedir demais. Foi-se embora para casa, numa autocondenação que jamais o faria ser o mesmo. Passou a acordar todos os dias apenas para vestir seu paletó e se sentar na sala. "Está esperando o quê, meu pai?", perguntava Bettina. "A prisão, minha filha, a prisão", dizia ele sem tirar os olhos da parede. Cansado dessa aflição, Brás comprou uma fazenda no interior da Bahia, onde passava boa parte da semana. Tinha algum dinheiro guardado e esperava que a fazenda pudesse continuar a sustentar a família, com uma vida mais modesta.

A família Orrico era exceção à regra no universo dos imigrantes italianos daquela época. Estima-se que em 1940 residissem no Brasil 300 mil italianos natos e dois milhões de descendentes. A maioria absoluta se concentrou no Sul e no Sudeste, e os Orricos pertenciam aos 5% que se instalaram no Nordeste.

### **Imigrantes abrazeirados**

Em São Paulo, era muito comum ouvir-se o idioma italiano nas ruas, especialmente nos bairros do Bixiga, da Barra Funda, da Mooca e do Brás, onde vivia a família

O avô de João, Giovanni Gianezi (no centro, com o neto no colo), veio do Vêneto em 1888 e logo aportuguesou seu nome, tornando-se João Gianesi, o que o livrou de perseguições na época da guerra



Arquivo pessoal João Gianesi Neto

Gianesi (nome aportuguesado). O patriarca, Giovanni Gianezi, chegou ao Brasil em 1888, aos 12 anos. Vinha de Rovigo, cidade italiana da região do Vêneto, onde fizera um curso de aprendiz de carpintaria. Chegando aqui, Giovanni foi naturalizado brasileiro e virou João Gianesi: daí o nome e o sobrenome aportuguesados. Trabalhou em fazendas no interior de São Paulo, onde conheceu Theresa Trombeli, com quem se casou e teve 12 filhos. Em meados de 1920, com a crise da agricultura cafeeira, João mudou-se para a cidade de São Paulo, arrumou um ofício de artesão e empregou os filhos mais velhos, entre os quais João Gianesi Filho, que trabalhava, após o horário da escola, embrulhando balas numa fábrica.

Quando, em 1942, a posição do Brasil na guerra se definiu, João não sofreu nenhum tipo de represália direta. "Mas, como boa parte dos italianos, ele foi ficando abasileirado com o tempo", conta João Gianesi Neto, que não se lembra de ter ouvido o avô falar italiano na vida. João tinha sido naturalizado brasileiro, o que aliviava qualquer pressão que pudesse ser exercida sobre ele. João Neto, que tinha seis anos quando o Brasil entrou na guerra, se lembra dos treinamentos para eventuais ataques aéreos, ocasião em que as portas da casa eram fechadas e as janelas tapadas com cortinas pretas, para que as famílias ficassem na sala, no escuro.

"João Gianesi é muito mais exceção do

que regra, quando falamos do cotidiano dos imigrantes italianos em São Paulo". A opinião é do historiador Roney Cytrynowicz, autor do livro *Guerra sem guerra - A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*, editora Edusp. Segundo ele, as instituições que representavam os imigrantes italianos sofreram muito mais com a guerra do que os próprios imigrantes. Exemplo disso são os clubes italianos que foram fechados (como o que Brás frequentava em Salvador), o time de futebol Palestra Itália (que foi obrigado a mudar seu nome para Palmeiras) e o próprio Colégio Dante Alighieri (que não pôde ministrar aulas em italiano aos alunos). Mas, segundo Roney, algumas dessas instituições conseguiam se adaptar para continuar a difundir a cultura italiana. Não havia, de qualquer modo, clima na cidade para uma hostilidade mais intensa, segundo o historiador.

"Mas imagine a tristeza de não poder mais chamar seu time de Palestra Itália e ter que apagar sua cultura", contrapõe a historiadora Priscila Perazzo. Autora do livro *Prisioneiros de guerra: os 'súditos do Eixo'*, lançado pela Imprensa Oficial, Priscila estudou a forma como funcionavam os "campos de concentração" instaurados no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Aliás, é preciso ter cuidado com o termo. A historiadora explica que esses campos de concentração existiam desde o começo do século XX e eram usados para tirar um determinado grupo de pessoas de circulação, concentrando-os em um lugar que não tivesse as características de uma prisão. Os confinados não ficavam em celas, mas em construções com quartos, salas, banheiros, cozinhas e uma área de circulação. Em situações de conflitos e revoluções políticas, esses campos de concentração se transformavam em uma ferramenta de vigilância, mas neles não ocorriam tortura ou maus tratos, e em alguns casos os confinados eram liberados aos domingos para circular livremente pela cidade. Portanto, os campos brasileiros não podem ser comparados aos alemães, por exemplo, que, segundo a historiadora, deveriam ser denominados "campos de extermínio".

Priscila levantou, em seu estudo, onze campos de concentração - ou campos de internamento, como prefere qualificá-los o historiador Roney - que, espalhados pelo país, foram usados para confinar imigrantes alemães e japoneses, assim como tripulantes de navios mercantes italianos que haviam chegado ao Brasil antes da eclosão da guerra e não tinham ainda conseguido voltar para a Itália (em obediência à ordem do governo brasileiro), visto que o oceano Atlântico estava tomado pela frota inglesa de navios de guerra. Estima-se que de 3 a 5 mil pessoas, em sua maioria homens, passaram por esses campos, onde viveram reclusos e chegaram a sofrer maus tratos, como negligência médica e racionamento de alimentação. "O sofrimento dos imigrantes do Eixo é muito diminuído quando dizemos que só as instituições sofreram represália", ressalta Priscila. "Essas instituições representavam a cultura dos imigrantes e, em alguns casos, foram banidas, o que é uma grande violência", completa.

A padaria Di Cunto, mantida pela família Di Cunto desde 1935, foi invadida diversas vezes por policiais para se certificarem de que os proprietários não estavam estocando comida para favorecer imigrantes italianos. Durante a guerra, o Brasil passou por um racionamento de comida, período em que só se permitia a compra de uma cota mínima de alimentos por dia, por família. Também faltavam ingredientes, como a farinha. No fim da guerra, a família Di Cunto utilizava as sobras de macarrão que possuía no estoque para conseguir a matéria-prima. A massa era prensada em máquina de moagem diversas vezes, para que se desmanchasse até a obtenção do ponto de farinha.

O clima de perseguição era muito incentivado pelo governo. "Mas numa cidade formada praticamente por italianos e descendentes, era praticamente impossível persegui-los", diz Roney, referindo-se a São Paulo. Segundo ele, a perseguição aos japoneses e alemães foi muito mais severa e esses imigrantes sofreram muito mais os efeitos da guerra no país. "Os italianos não eram considerados ameaçadores, eram vistos



Natália Garcia

como um povo latino que se assimilava facilmente aos costumes brasileiros e, dos grupos do Eixo, foram os imigrantes que menos sofreram", concorda o historiador João Fábio Bertonha, autor do livro *O Fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, editora EDIPUCRS.

Fato é que o engajamento brasileiro na guerra era cada vez maior - tanto que o presidente Getúlio Vargas recrutou voluntários para formarem a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Em 1944, partiram do Brasil 25 mil soldados para guerrear na Itália contra o Eixo. Apesar desse alinhamento, a maioria dos brasileiros fazia clara distinção entre lutar contra a Itália e combater imigrantes italianos em território nacional. O mesmo valia para os imigrantes que aqui viviam e não alimentavam ódio pelos brasileiros. Tanto é que a família Gianesi festejou quando os "pracinhas" - como eram conhecidos os oficiais da FEB no Brasil - voltaram como heróis da Segunda Guerra por terem lutado na Itália.

Mas em Salvador, na casa dos Orricos, o clima estava longe de ser pacífico. Em 1945, pouco antes do término da guerra, Brás voltou a morar na capital baiana com a família e abandonou a fazenda que comprara três anos antes. Chegou muito doente e pouco saía do quarto. Bettina descobriu que o aviador italiano e o soldado cantor tinham morrido. Ouviu

*Da época da guerra, quando era criança, João Neto lembra-se apenas dos treinamentos contra possíveis ataques aéreos, feitos com todos - não apenas com imigrantes do Eixo. Os traços das origens italianas da família se perderam no tempo: o neto não se lembra nem mesmo de ouvir o avô falar em italiano*

*Antes da guerra, Angelo Luisi estava sempre acompanhado de seu clarinete, 'com a melhor embocadura de Salerno', como ele gosta de destacar. Chegou a levá-lo na bagagem quando foi convocado pelo exército, o que lhe garantiu alguns pequenos privilégios ao se tornar prisioneiro - ele tocava as músicas preferidas dos guardas*



Arquivo pessoal Angelo Luisi

conversas dos pais e sofreu em silêncio, procurando consolo nos amigos imaginários. Até que em maio o rádio, sintonizado no Repórter Esso, anunciou que a Alemanha e a Itália tinham sido derrotadas e só faltava a rendição do Japão para que a guerra acabasse. Dias depois, a mesma rádio anunciou que os Estados Unidos haviam lançado uma bomba sobre o Japão. "Ooooooooooba, acabou a guerra!", gritou a menina, que hoje se recorda com pesar haver comemorado a carnificina advinda da explosão da bomba atômica. Desceu as escadas correndo para festejar, mas deu com o pai sério, triste e muito doente. Brás não deixou que a menina comemorasse o fim da guerra com as multidões que gritavam pelas ruas de Salvador. A Itália tinha perdido e ele se sentia derrotado. Morreria alguns meses depois, com uma séria infecção no baço. "Morreu de desgosto", sentencia Bettina. A menina entrou em profunda depressão e, aos 13 anos, foi tratada por um psiquiatra que lhe dava choques na cabeça. Sua mãe, Cibele, nunca engolira o desgosto da morte do marido. Quando Bettina tinha 16 anos, Cibele abriu mão do silêncio diário a que tinha se condenado desde que enviuvara e pediu que a filha cantasse uma canção. As duas estavam sentadas na sala e Bettina entoou um samba qualquer de Carmen Miranda, que acabara de aprender. As forças da mãe sumiram junto com a cor de sua face e seu corpo pendeu para o chão. Bettina acabava de perder a mãe.

Aos 18 anos, em 1950, Bettina veio para São Paulo para tentar se livrar de seus fantasmas. E conseguiu. A metrópole já se recuperava da recessão provocada pela guerra e voltava a crescer economicamente. Bettina fez aulas de moda e aprendeu a cozinhar por hobby. Em pouco tempo se tornou uma importante artista plástica, fez exposições no Brasil e, mais tarde, foi convidada para expor em Roma. Voltou para São Paulo aos 35 anos, quando se estabeleceu como consultora gastronômica da revista *Claudia*, na editora Abril.

### **Um ex-soldado no Brasil do pós-guerra**

A São Paulo do pós-guerra era um excelente lugar para crescer. E foi nela que Angelo Mariano Luisi se instalou quando veio da Itália. Angelo nasceu em 1920 e, quando a guerra estourou, em 1939, tinha uma única paixão: a música. Aos 19 anos, vivia com seu clarinete para cima e para baixo, exibindo a melhor embocadura de Salerno. Mas Angelo foi alistado para servir o exército italiano fascista e, em 1941, fez parte do contingente que avançou pela costa africana. Em um de seus combates, foi preso. Ao meu olhar de espanto, ele junta os cinco dedos da mão no mesmo ponto, golpeia o ar sorrindo e brada: "passei bem, passei bem".

Entretanto, ao partir para a guerra, Angelo levava em sua bagagem o velho clarinete. Na segunda semana de prisão, os guardas já sabiam seu repertório de cor e pediam as favoritas. Angelo tocava, se divertia, ganhava comida, tinha direito a vários banhos de sol por dia, e passeava livremente no lado de fora das grades. Finda a guerra, voltou para a Itália e conheceu Angela, com quem se casou em 1949. Mas a Itália tinha se tornado um lugar difícil de viver, e o músico embarcou para o Brasil com a esposa grávida. Atracaram no porto de Santos e partiram direto para a casa de saúde: Angela daria à luz Giovana. Dez dias depois, vieram para São Paulo, onde se estabeleceram no Brás. Nesse período, Angelo arrumou um emprego na Cantina Capuano, a mais antiga ainda em funcionamento na cidade, aberta desde 1907.

Dez anos depois, em 1959, Angelo tinha juntado dinheiro o bastante para comprar



Natália Garcia

*Na volta para a Itália, conheceu sua futura esposa. As dificuldades econômicas do pós-guerra no país fizeram com que os dois viessem para o Brasil - onde Angelo fez sua vida como proprietário de uma cantina*

a cantina, e assim virou chefe do negócio, que toca até hoje, às vésperas de completar 90 anos de idade. Quando pergunto o segredo de tanta saúde e sobriedade, ele responde: "Nasci em ano bissexto, no dia 29 de fevereiro, só faço aniversário a cada quatro anos." E sorri com o corpo inteiro. Até sua gargalhada tem sotaque italiano.

Ele exibe na parede de sua cantina diversas fotos antigas e um documento em homenagem à sua bravura na Segunda Guerra Mundial. É fato que Angelo lutou pela Itália, sobreviveu a uma prisão, e depois, em um país cuja língua não dominava, conseguiu juntar dinheiro e se tornar dono de um restaurante. Mas talvez a grande façanha de Angelo não tenha sido a bravura, mas a doçura com que encarou cada um dos desafios que a vida lhe impôs. Sua paixão pela música, e, mais tarde, pela esposa, foram os filtros para mirar uma realidade sombria. "Para tocar clarinete tem que ter paciência, não adianta ficar nervoso", explica, com um sorriso que sempre lhe rendeu melhores frutos do que as armas de fogo. Hoje, é um importante representante da relação entre os italianos e o Brasil.

### **As lembranças e o presente**

"Menina, mas você está me provocando uma catarse", diz Bettina depois de relatar suas tristes lembranças da época da

guerra. Aos 76 anos, ela nunca se casou. Teve alguns relacionamentos, uns mais, outros menos duradouros, mas o fato é que Bettina sente que a capacidade de entregar ingenuamente



Arquivo pessoal Angelo Luisi

seu amor a alguém lhe foi arrancada pelos traumas que ficaram por conta da guerra. Daí, talvez, a paixão pela culinária. Para o escritor moçambicano Mia Couto, cozinhar é um modo de amar os outros. Talvez essa tenha sido a forma que Bettina encontrou para expressar tanto amor contido.

Se para Bettina o passado é ainda tão presente, para João Giansesi Neto é a falta dele que impera. Quando foi conhecer o local de origem de sua família, Rovigo, numa viagem de carro pela Itália em 2007, passou por uma neblina tão densa que o fez perder a entrada da cidade. Lá estava o passado de sua família. Preso em algum lugar nebuloso que João já não consegue encontrar.

# Norberto Bobbio

## O defensor da democracia e dos direitos humanos

Nascido em Turim, o filósofo italiano que completaria cem anos em 2009 legou ao mundo ideias que suscitam debates até hoje nos campos político, jurídico e filosófico

Por Fernanda Quinta

Vinte anos atrás era derrubado o Muro de Berlim, o símbolo da Guerra Fria. O fim de uma guerra silenciosa que dividira o mundo em capitalista e comunista teria também levado ao fim a corrida armamentista? O último chefe de Estado da União Soviética, Mikhail Gorbachev, acredita que o mundo era mais seguro antes do episódio de 1989. Em entrevista publicada em *O Estado de S. Paulo* (11/10/2009), disse que o maior perigo é, sem dúvida, a proliferação de armas nucleares. "Há o risco de que essa proliferação ocorra para atores fora do controle dos Estados, como organizações terroristas. No total, podemos dizer que existem hoje 40 países com potencial nuclear."

Discussões desse calibre, com distintas visões sobre guerra e paz, permeiam com frequência as notícias de jornal e atualmente a agenda de presidentes. Um tema, aliás, que Norberto Bobbio - o filósofo italiano que pensou ao longo do século XX e no início do XXI as relações entre sociedade e Estado, e teorizou a democracia, a política e os direitos humanos - também sempre abordou em seus escritos. Como escreveu Celso Lafer, o grande especialista em Bobbio no Brasil e professor titular de Filosofia do Direito na Universidade de São Paulo (USP): "A guerra [para Bobbio] no mundo contemporâneo é um beco sem saída, um

caminho bloqueado, um remédio do qual não mais nos podemos servir para resolver nossos problemas, pois é um remédio invariavelmente pior do que os problemas e males que busca debelar." O fragmento consta do prefácio à edição brasileira de *Il terzo assente*, ou *O terceiro ausente - ensaios e discursos sobre a paz e a guerra*, segunda publicação do Centro de Estudos Norberto Bobbio, lançado este ano por ocasião do centenário de nascimento do filósofo.

### Um realista na academia e na política

Em 1942, em plena Segunda Guerra Mundial, Bobbio, preocupado com as questões políticas da Itália, aderiu ao *Partito d'Azione* (Partido da Ação) e participou da resistência contra o regime fascista. Lecionou em Siena, entre 1938 e 1940, em Pádua, entre 1940 e 1948 e, logo depois, na Universidade de Turim, onde foi professor de filosofia do direito de 1948 a 1972 e de filosofia política de 1972 a 1979. Em 1984, foi nomeado senador vitalício.

Dentre os inúmeros legados teóricos de Bobbio, *O futuro da democracia* (1984) e *A era dos direitos* (1989) destacam-se como obras fundamentais para quem almeja conhecer o pensador. Na primeira, o autor elucida a democracia, definindo-a como um conjunto de regras do jogo político, tais como a universalidade do

voto e a alternância de poder, e defendendo que, para não ser depreciada, deve produzir resultados efetivos em termos de igualdade e garantia de direitos. Já o segundo livro mostra o processo de evolução dos direitos humanos desde o direito à liberdade até a conquista dos direitos sociais e a necessidade de proteção dessas demandas. A tese de Bobbio é a de que essa evolução não para, aspecto reforçado pela menção aos direitos relacionados ao atual estágio de desenvolvimento das ciências e da tecnologia. Pode-se observar a tese bobbiana em pequenas notas de jornal. O exemplo mais recente consiste na defesa brasileira, aliada a nações emergentes, do direito ao acesso a conhecimentos e tecnologias desenvolvidas em países ricos para a fabricação local de vacinas contra as inúmeras variedades de vírus H1N1.

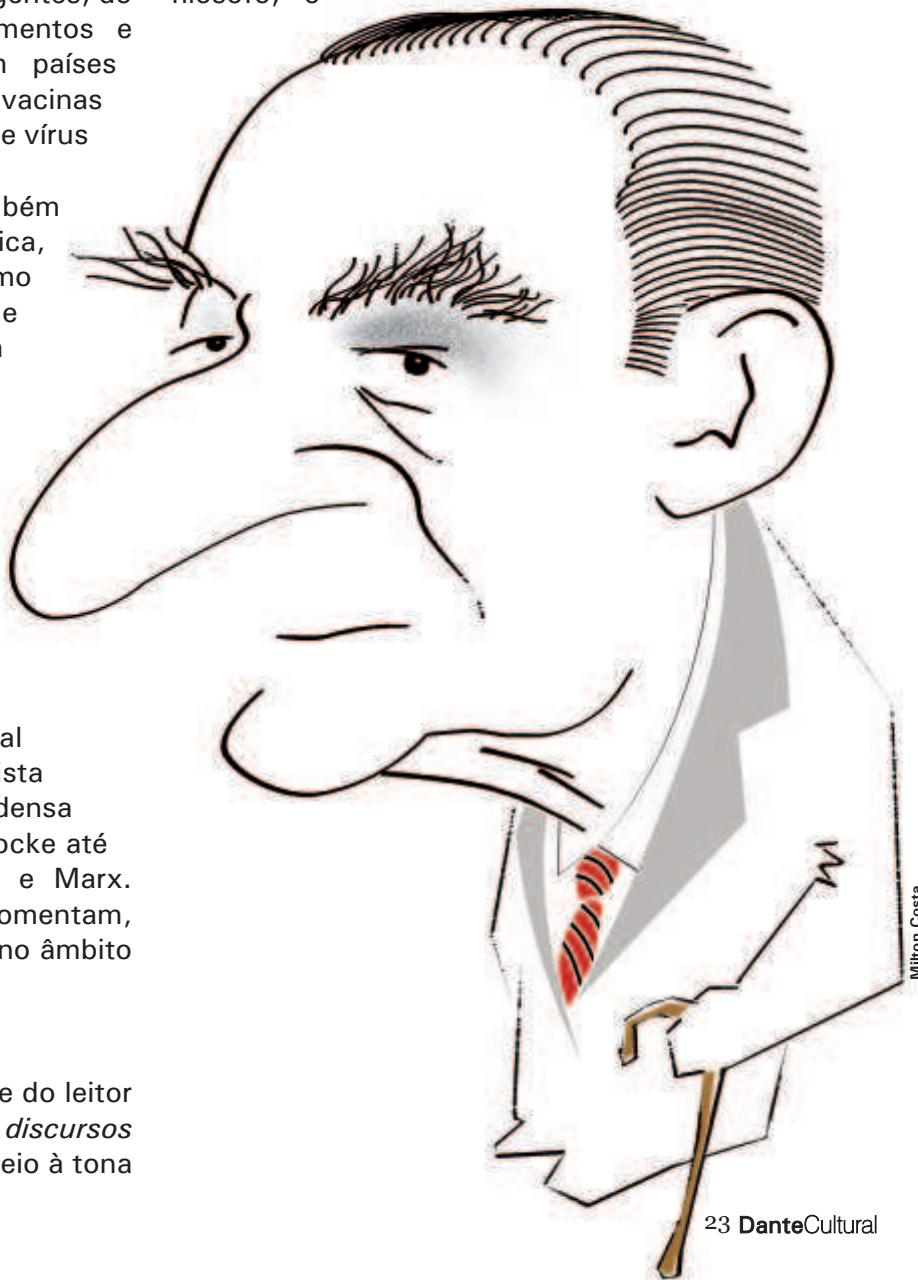
O autor italiano escreveu também outros livros de natureza política, filosófica, ética e jurídica, como *Qual socialismo?* (1977), que discorre sobre a ideia de um socialismo possível; *Direita e esquerda* (1994); *O conceito de sociedade civil* (1976). Esta última obra, segundo o professor doutor em Ciências Políticas Aldo Fornazieri, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), é um estudo bem sintético sobre o conceito de sociedade civil, no qual relaciona o pensamento socialista com o liberal. Ali, Bobbio condensa múltiplas ideias, de Hobbes e Locke até Gramsci, passando por Hegel e Marx. Muitas das obras bobbianas fomentam, dentro e fora da Itália, debates no âmbito político e cultural.

### O terceiro está ausente?

Essa pergunta vem logo à mente do leitor de *O terceiro ausente - ensaios e discursos sobre a paz e a guerra*. A obra veio à tona

em 1989, organizada pelas mãos de Pietro Polito para, segundo Bobbio, integrar, desenvolver e atualizar os temas da guerra e da paz já tratados pelo autor, em 1979, no livro *O problema da guerra e as vias da paz*, que versa sobre a formação de uma consciência atômica.

Nesse livro, ensaios acadêmicos, discursos públicos e artigos publicados na imprensa reúnem-se de modo harmonioso, mesclando o Bobbio acadêmico com o pensador da vida pública, atuante nos debates até o fim da vida, em 2004. Ele legou ao mundo a importância da democracia e o valor da paz entre as nações. Para o filósofo, o





O terceiro ausente -  
ensaios e discursos  
sobre a paz  
e a guerra  
Norberto Bobbio -  
Organização de  
Pietro Polito  
Editora Manole/  
368 páginas

pós-guerra e a supressão do fascismo trouxeram dois desdobramentos importantes para a política italiana: a efetivação da democracia e o restabelecimento pacífico das relações entre aquele país e as demais nações. Ambos os desafios diziam respeito à questão de como eliminar, ou limitar, a violência como meio de resolver conflitos. Nesse ponto Bobbio identificava um problema grave: a ausência de um mediador mundial eficaz que fosse capaz de manter o diálogo amistoso entre os distintos Estados.

A Organização das Nações Unidas (ONU), sediada em Nova York, foi fundada após a Segunda Guerra Mundial com o objetivo de zelar pela paz e pela segurança mundial, funcionando como mediadora de conflitos entre as nações. Além disso, recebeu o encargo de promover o progresso social e a melhoria dos padrões

de vida das populações e dos direitos humanos. A teoria é bonita. E a prática? Segundo o professor Fornazieri, no fim do século XX, a instituição teve um papel apagado e subalterno aos desígnios dos Estados Unidos. E ainda hoje, o órgão reflete o pacto que foi definido no contexto pós-guerra, o qual já não existe mais. "A ONU carece de legitimidade e deve refletir sobre a nova realidade, que é multipolar; várias potências significativas podem assumir a responsabilidade de gerir a paz e a segurança mundiais", explica. Para se ter uma ideia, no Conselho de Segurança da ONU, os membros permanentes - EUA, Grã-Bretanha, França, China e Rússia -, que têm poder de veto, foram determinados no pós-guerra. "Isso não tem mais cabimento, tem que ser redefinido", aponta. "Enxergo uma oportunidade histórica", diz com otimismo Fornazieri, que ressalta o conceito de Bobbio de que a democracia é processual, ou seja, o processo de democratização é contínuo.

## Centro de Estudos Norberto Bobbio em nova sede

Da rua Boa Vista para a avenida Ipiranga. O Centro de Estudos, fundado em 2005 e hoje vinculado ao Instituto Norberto Bobbio - Democracia e Direitos Humanos, vai ganhar, a partir de 2010, novo endereço. O espaço o aproximará de suas origens mediterrâneas: o Edifício Itália. Ali, no segundo andar, 1.100 livros voltados à temática estudada por Bobbio estarão disponíveis para consulta, além de mais de cem escritos doados pelo filho do filósofo, Andrea Bobbio. A entidade, que semestralmente organiza colóquios e palestras, já iniciou a publicação da Coleção Centro de Estudos Norberto Bobbio, composta por dez obras do filósofo, a maior parte das quais ainda inédita em português. Duas já foram editadas, em conjunto com a editora Manole: *Da estrutura à função - novos estudos de teoria do direito* (2008) e *O terceiro ausente - ensaios e discursos sobre a paz e a Guerra* (2009), lançado

este ano em comemoração ao centenário de nascimento de Bobbio. Em sua sede, quatro grupos de estudos reúnem-se toda semana para discutir os direitos humanos, a democracia e a filosofia do direito. Segundo o pesquisador Frederico Diehl, um dos organizadores das atividades, a ideia é reunir todos os textos produzidos até agora pelos grupos no blog da instituição, e incluir, entre os participantes dessas discussões, que hoje compreendem professores, doutorandos e pós-doutorandos, iniciantes que estejam interessados no assunto. "Queremos disseminar Bobbio", conclui Diehl. O Centro de Estudos Norberto Bobbio nasceu inspirado no Centro Studi Piero Gobetti, organização que preserva o legado intelectual de Bobbio na Itália.

Av. Ipiranga, 344, 2º andar, Edifício Itália -  
Centro. Horário: Seg. a sex., das 10h às 18h.

Blog:

[www.norbertobobbio.wordpress.com](http://www.norbertobobbio.wordpress.com)



## Raymundo Magliano Filho, um discípulo bobbiano

Ex-presidente da Bovespa (2001-2007), fundador e atual presidente do Instituto Norberto Bobbio - Democracia e Direitos Humanos, Magliano estuda filosofia há 37 anos e é um entusiasta das ideias do pensador italiano. Foram elas que orientaram o administrador de empresas e neto de italianos a buscar a popularização do mercado de capitais e a aproximar a instituição financeira da sociedade civil. Pouco antes desta entrevista, Magliano esteve na Universidade de Turim, onde, por ocasião das homenagens a Norberto Bobbio, palestrou sobre a influência do filósofo na América Latina.

**Dante Cultural - Quais ideias bobbianas fomentaram a criação do Instituto Bovespa, do qual surgiu pouco depois o Centro de Estudos Norberto Bobbio?**

**Magliano** - Bobbio dizia que era preciso haver equilíbrio entre igualdade e liberdade. Muitas empresas cuidam do próprio negócio e esquecem a comunidade e a responsabilidade social que tem perante a sociedade. Como a Bolsa privilegia a liberdade, justamente por causa de seu caráter empreendedor, ela também deve se preocupar com a igualdade. Para isso, criamos o Instituto Bovespa, em 2007, cujos projetos voltam-se para o social e o meio ambiente, como o Centro de Estudos Norberto Bobbio, que foca na democracia e nos direitos humanos.

**DC - Por que em alguns países da América Latina temos a impressão de que a democracia não é tão efetiva como deveria ser?**

**M** - A democracia formal, mas não real, infelizmente é muito frágil. Apesar de todos os defeitos, ela é ainda o melhor regime político. As democracias estão engatinhando. Daí nossa preocupação com o Instituto Norberto Bobbio para que ele trabalhe para uma educação popular de cidadania para crianças. É o que Bobbio diz nos livros dele. Queremos "democratizar" a democracia e os direitos humanos, levando às comunidades carentes esses ensinamentos. Fizemos isso na comemoração dos 60 anos [da declaração dos] Direitos Humanos, em 2008, levando a Bolsa de Valores para [a

favela de] Paraisópolis: contratamos um professor para motivar os professores de lá a desenvolverem o tema com os alunos. Foi uma experiência excepcional. Recebemos 133 desenhos que demonstravam a violação de direitos ou a falta de acesso a eles nas áreas da saúde e da educação.

**DC - De que modo Bobbio ajudou a Bolsa de Valores a popularizar o mercado de capitais?**

**M** - Era preciso desmistificar a Bolsa diante da sociedade. Queríamos transformar o mercado de capitais, elitista, em um mercado democrático. Para isso nos baseamos nos três pilares fundamentais da democracia, segundo Bobbio: transparência, visibilidade e acesso. Foi colocado um mediador na Bovespa para facilitar a solução de problemas entre a sociedade corretora e os clientes. A Bolsa é transparente porque mostra a cotação todos os dias. Mas ela não era visível. E para Bobbio, visibilidade é a menor distância entre governante e governado. Usamos o *Bovmóvel*, um furgão, uma espécie de bolsa de valores ambulante, para levar conhecimentos do mercado de capitais à população, em shoppings, praias e outros lugares do Brasil. Funcionou muito bem. Por último, trouxemos para a Bolsa de Valores sindicalistas e explicamos a eles como funcionava o mercado de capitais. Isso facilitou o acesso dos trabalhadores àquele universo. Por último, convidamos um sindicalista a participar do Conselho da Bolsa, tendo poderes iguais aos dos demais conselheiros. Foi a primeira bolsa de valores no mundo a fazer isso. Foi excelente. Aprendemos muito com ele, e ele conosco.

**DC - Por que Bobbio continua atual?**

**M** - Quase todos os artigos que saem no jornal citam os clássicos, porque eles pensaram profundamente os temas fundamentais do ser humano. Os clássicos nunca desaparecem. Bobbio é um homem que trabalha com isso, discutindo os assuntos com muita profundidade. Ele fala de algo que sempre desejamos, mas não temos: a paz.

# APL

## Uma casa de cultura

Em ano de centenário, a Academia Paulista de Letras se prepara para retornar à sede, em reforma, e para ser mais participativa na vida cultural paulista

Por Marcella Chartier

Um grupo de 40 pessoas, escolhidas por afinidades intelectuais e importância de atuação na sociedade, com postos vitalícios que já foram ocupados por nomes como Sérgio Buarque de Holanda, Guilherme de Almeida, Miguel Reale, Mário de Andrade: a Academia Paulista de Letras (APL), sediada no Largo do Arouche, em São Paulo (fechada para uma reforma no momento), completa em 2009 cem anos de sua fundação. Vem à tona, de imediato, e por iniciativa dos próprios imortais, a discussão em relação ao verdadeiro papel da instituição. "Estamos tentando conferir outra perspectiva à Academia, que durante algum tempo ficou imersa em si mesma, já que é muito gostoso o convívio entre acadêmicos", afirma o presidente da entidade, o desembargador José Renato Nalini, autor (juntamente com o fotógrafo Márcio

no entanto, foi um médico: dr. Joaquim José de Carvalho. E antes que se pergunte o que a medicina tem a ver com as letras, deve-se ler o trecho de uma carta lida na sessão inaugural, de autoria do próprio médico: "(...) aqui se acham a jurisprudência, a economia política, a medicina... a teologia dogmática ao lado da reforma, do livre pensamento e do positivismo, a biologia, a filosofia, a interpretação dos fenômenos ocultos, a engenharia prática, a matemática, a cosmografia, a filologia, a linguística, o beletrismo, a poesia, a arte dramática, a música, o jornalismo, o parlamentarismo, todas as atividades operosas da inteligência humana, todas as opiniões... crenças por seus lídimos representantes, sem distinção de sexo, sem partidatismo, sem exclusão alguma, em mescla conveniente e simpática, em um convívio que queremos há de ser harmonioso (...)".

Por dez anos, tempo em que o dr. Joaquim José de Carvalho permaneceu como secretário-geral, a instituição funcionou de vento em popa. Após sua morte, porém, as dificuldades começaram a surgir por conta da falta de uma liderança incentivadora e envolvida com a causa. Foram, assim, dez anos de apatia, interrompidos por um processo de renascimento comandado por três acadêmicos: Pedro Augusto Gomes Cardim, Ulisses Paranhos e Amadeu Amaral. A consolidação da APL como instituição respeitada e de credibilidade cada vez mais reconhecida foi, desde então, um processo permanente. Ao longo do ano de 2009, período em que ficou sem a sede para a realização de sessões e celebrações do centenário, ela foi homenageada em algumas das instâncias mais importantes da cidade, como a Câmara Municipal de Vereadores,

ARQUIVO APL



O projeto original da sede da APL, no Largo do Arouche, é do arquiteto Jacques Pillon - e foi resgatado antes da reforma

Scavone) do livro *100 anos da Academia Brasileira de Letras*, lançado em junho pela Imprensa Oficial. A ideia é transformar a APL em um ícone de atuação cultural mais influente do estado de São Paulo.

Desde o seu surgimento, em 1909 - apenas 12 anos após a criação da Academia Brasileira de Letras -, a missão da APL é ser uma casa de cultura destinada à tutela do nosso idioma por meio da reunião do que há de representativo e significativo na literatura paulista. O responsável por sua fundação,

o Tribunal de Justiça, o Tribunal de Contas do Município, a Sede da Associação dos Magistrados, a FIESP, o Museu da Língua Portuguesa etc.

"Tem sido bem interessante para nós, porque, além de ser positivo saímos do nosso ambiente, mais pessoas passam a conhecer a Academia", diz o presidente Nalini. Leia, abaixo, a entrevista que ele concedeu à Dante Cultural.

**Dante Cultural - Após a morte do fundador da APL, houve o período de apatia. Por que isso aconteceu e como se deu a reestruturação?**

**Dr. José Renato Nalini** - É natural que a morte de seu maior entusiasta tenha trazido essa consequência para a Academia. Além disso, não foi fácil conseguir apoio. A ideia de "academia" é polêmica, ainda hoje as pessoas perguntam como se escolhe um grupo de 40 pessoas para representar uma população de 45 milhões.

**DC - Como um novo membro é escolhido e aceito pela instituição?**

**N** - A primeira coisa necessária é contar com o beneplácito dos que já são acadêmicos. Entram os que são simpáticos aos atuais integrantes, e foi por isso que a APL permaneceu, por um período, como uma espécie de clube entre amigos com as mesmas preocupações culturais, mas sem um compromisso maior com devolver à comunidade algum préstimo - era um convívio hermético. Nas últimas três gestões, pensamos que São Paulo merece ter uma Academia mais partícipe, que mostre principalmente à infância e à juventude que há uma instituição pela qual passaram os nomes mais representativos da literatura paulista - mas também da política, do direito, do clero, da medicina, da história etc. Os requisitos são: ter livros publicados ou ser uma personalidade que prestou serviços à cultura. Machado de Assis dizia que a Academia precisa de membros jovens para dar a liga. Chalita (*Gabriel, vereador*) trouxe um entusiasmo da juventude, assim como o historiador Jorge Caldeira e o jornalista e cronista Antonio Mendonça.

**DC - Como foi a sua entrada na APL?**

**N** - Sempre tive uma admiração muito grande por ela. A primeira pessoa que me incentivou foi o Rubens Scavone, que foi presidente da Academia, era procurador de justiça e escritor de ficção científica. Ele estimulava e eu achava que era por carinho, não levava muito a sério porque não tinha (e continuo a acreditar que não tenho) méritos para estar nela. Aí fiquei amigo do Paulo Bomfim (*decano*), da Lygia Fagundes Telles, da Anna Maria Martins, fui criando um clima. Mas, enfim, para estar na Academia é preciso namorá-la, mostrar apreço, interesse, frequentá-la.

**DC - Quais os planos de inovação na APL após o retorno à sede reformada? (previsto para o primeiro semestre de 2010)**

**N** - Estamos tentando conferir outra perspectiva à Academia, que durante algum tempo ficou imersa em si mesma. Há muitos planos - um deles é fazer com que as escolas e as outras academias juvenis se aproximem para visitá-la. Queremos incentivar a pesquisa (temos uma biblioteca com cerca de 100 mil títulos digitalizados), fazer concursos temáticos e ter uma cátedra para resgatar a cultura bandeirista. Vamos também transformar o mezanino em um centro de pesquisas e permitir que a APL seja palco de eventos como lançamentos de livros, pequenas feiras e apresentações culturais.

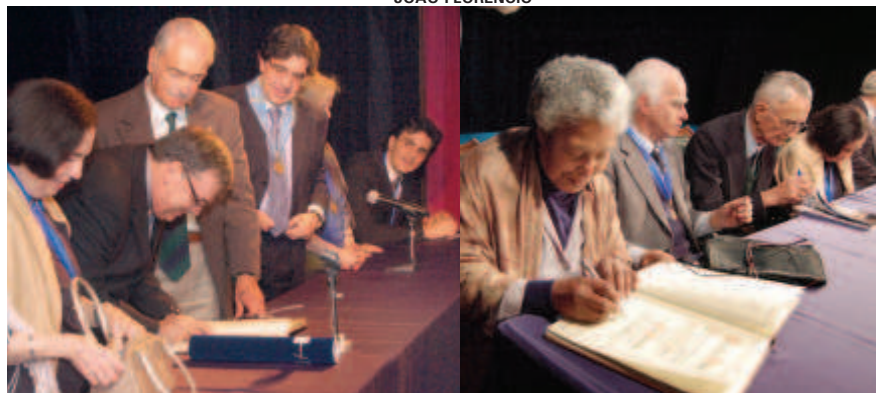
DIVULGAÇÃO



*"Nas últimas três gestões, pensamos que São Paulo merece ter uma Academia mais partícipe, pela qual passaram os nomes mais representativos da literatura paulista - mas também da política, do direito, do clero, da medicina, da história etc", diz o presidente, dr. José Renato Nalini*

*O auditório do Dante foi um dos locais onde se realizaram eventos da APL durante a reforma de sua sede. Abaixo, as cerimônias de posse de Walcyr Carrasco e de Ruth Guimarães*

JOÃO FLORÊNCIO



# Ex-alunos e um ex-professor do Dante ocupam cadeiras na Academia Paulista de Letras. Conheça alguns dos imortais dantianos:

## Antonio Penteado Mendonça - cadeira 32



ARQUIVO PESSOAL

"Do Dante eu tenho lembranças de bom menino e de mau menino", afirma o ex-aluno Antonio Penteado Mendonça, que estudou no Colégio por 12 anos, desde a infância até 1970, pouco antes de se formar, já que fora convocado para o Exército. Prova de sua afirmação é o início de sua trajetória acadêmica. Apesar da bagunça e das suspensões que o fizeram ser reprovado em uma série da escola, sempre foi estudioso e se recuperou bem: foi o 4º colocado no vestibular de Direito da universidade do Largo São Francisco, a melhor do país. Entre as travessuras mais recorrentes está a fuga da escola em dia de aula. "Saíamos em grupo por um buraco que tinha no lado da Rua Peixoto Gomide, e íamos passear", lembra. Quando, ao saber-se procurado pelos inspetores tinha a sorte de passar

pela sala da dona Cinira, era protegido por ela, de quem lembra com carinho. "Ela me escondia na sala dela."

Dr. Antonio tornou-se advogado com várias especializações e hoje seu nome batiza um famoso escritório de advocacia. Publicou quatro livros e credita seu ingresso na APL especialmente ao decano Paulo Bomfim. "Minha entrada na Academia foi quase um roteiro desenhado por ele, que achou que eu devia começar a fazer parte e me ajudou a entrar antes em várias entidades de que sou membro até hoje, até que eu chegasse à APL", explica. Entre essas entidades estão o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (do qual ele é diretor), a Academia Lúsiada de Ciências, Letras e Artes, e a Academia Paulista de História.

## Paulo Nathanael Pereira de Souza - cadeira 12



ARQUIVO PESSOAL

Até hoje o dr. Paulo Nathanael Pereira de Souza sente saudades das salas de aula do Dante, onde foi professor de História Geral do Brasil de 1962 a 1968. Teve de deixar as aulas para atender a uma designação do MEC, que o convocou para ser delegado nacional do censo escolar brasileiro. "Sinto saudades, o Dante tinha a metade dos alunos que tem hoje e todos se conheciam. Todos os professores eram sempre muito camaradas", lembra.

A busca por melhoria na educação permaneceu, porém, como um dos ideais mais presentes em sua vida profissional. Depois de haver desistido do curso de Direito, que fez até o quarto ano, seguiu a vida acadêmica e se tornou doutor em Educação pelo Mackenzie. Publicou livros

e ensaios sobre o tema, além de ter colaborado com artigos para revistas especializadas. Já adquirira, portanto, os requisitos para entrar na Academia. "Sempre foi uma espécie de meta muito distante que eu olhava com muita esperança e carinho", conta. A amizade com alguns membros também já existia, e, na primeira tentativa, ele foi eleito. "Participo gostosamente do convívio desses intelectuais de primeira linha e me sinto feliz em estar ao lado deles", afirma. Como não podia ser diferente, dr. Paulo defende especialmente a aproximação da APL com as instituições de ensino. "Há um potencial imenso de multiplicação das tradições culturais em universidades e colégios. Espero poder contribuir de alguma forma para que a Academia cumpra melhor sua missão."

## Ada Pellegrini Grinover - cadeira 9

Quando chegou da Itália, em 1951, Ada Pellegrini Grinover já se matriculou no Dante. Ela ia a pé ao Colégio, atravessando os jardins do Parque Trianon, que tinha uma fauna mais rica do que a de hoje em dia, como a então estudante pôde apreciar numa circunstância que ficou na memória. "Um dia, um bicho preguiça caiu de um galho bem aos meus pés e me pus a gritar: 'um gorila, um gorila!'", conta.

Já do outro lado da rua, na escola, Ada começou a vida de atleta. Ela corria e o namorado, também aluno do Dante, arremessava dardos. "Foi no Dante que fomos revelados no esporte, e passamos a competir no atletismo Clube Pinheiros".

Mas a carreira profissional de Ada se deu mesmo no Direito. Também formada pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, a jurista se tornou professora da instituição, regendo os cursos de bacharelado, mestrado e doutorado.

Publicou livros e ensaios, não apenas de conteúdo jurídico, mas também um de memórias de infância, *A menina e a guerra*, que, publicado em 1998 pela editora Forense Universitária, lhe rendeu dois prêmios: o Alejandro

J. Cabassa, da União Brasileira de Escritores, e o de melhor narrativa no Concorso Internazionale Letterario Tito Casini, pela obra vertida para o italiano.

O convite para ingressar na Academia veio de Paulo José da Costa Jr., ocupante da cadeira 21. "O melhor de integrar a Academia são os encontros semanais, compartilhados com muitos amigos", afirma Ada, referindo-se aos chás que ocorrem às quintas-feiras e reúnem os acadêmicos mais participativos da instituição.



DIVULGAÇÃO APL

## Paulo Bomfim, o decano da APL - cadeira 35

O poeta Paulo Bomfim é o acadêmico que integra a Academia há mais tempo - desde 23 de maio de 1963. Jornalista, trabalhou na imprensa escrita (inclusive no *Diário de São Paulo*, de Assis Chateaubriand, a convite do próprio) e no rádio, além de ter dirigido o curso de Relações Públicas da Faculdade Cásper Líbero, considerado até hoje um dos melhores do país.

A carreira literária começou em grande estilo, em 1947, com a publicação de *Antônio Triste*: o prefácio era do poeta Guilherme de Almeida e as ilustrações, de Tarsila do Amaral. A obra foi agraciada, no ano seguinte pela Academia Brasileira de Letras com o prêmio Olavo Bilac. Continuou escrevendo e publicando

livros, que foram traduzidos para cinco idiomas. Um deles, *Armorial*, tem como tema a herança familiar do poeta, apresentada de forma mágica: o bandeirismo. Os acadêmicos têm, portanto, uma boa fonte de inspiração para realizar as homenagens aos bandeirantes na nova era da APL, intenção afirmada pelo presidente Nalini na entrevista das páginas anteriores.



DIVULGAÇÃO APL

# Literatura

Por Laura Folgueira

## A Vingança pelas palavras

*Sem sangue* fala de guerra unindo suspense e poesia



Um tempo de pós-guerra. O lugar poderia ser qualquer um: a história não se passa em uma cidade ou mesmo em um país específico; poderia acontecer em qualquer lugar. Em *Sem sangue*, o italiano Alessandro Baricco

constrói uma narrativa focada nos personagens e, mais importante, nas relações entre eles.

É por isso, talvez, que o autor explica em uma nota preliminar: "Os fatos e personagens a que esta história alude são imaginários e não se referem a nenhuma realidade particular. A escolha de nomes hispânicos deve-se a razões puramente musicais e não pretende sugerir uma inserção temporal ou geográfica dos acontecimentos." (A musicalidade é especialmente importante na prosa de Baricco, que, além de escritor, é crítico musical.)

O livro é dividido em duas partes. Na primeira, destacam-se os eventos externos: os personagens, especialmente a família Roca, residente da fazenda de Mato Rujo, estão à mercê dos acontecimentos, e deixam-se levar pela situação que os coloca em confronto com Tito, El Gurre e Salinas, ex-guerrilheiros que invadem o lugar atrás de vingar-se de Manuel Roca - o motivo disso, aliás, não chega nunca a ser totalmente esclarecido. De fato, não se sabe muito sobre os personagens nem sobre seu passado, além dos breves *flashbacks* que o autor insere no meio do acelerado discurso.

Ainda nessa primeira parte, um olhar cuidadoso detecta um elemento fundamental para a história e seu desenvolvimento. Durante a perseguição a Manuel Rocas, que inclui passagens

emocionantes (como as lembranças de guerra de um dos guerrilheiros) e violentas (como o momento da morte do filho pequeno de Manuel), sobressaem na narração as reflexões de Nina, única sobrevivente, escondida em um buraco no chão, "encolhida, como se estivesse na sua cama, não tendo nada para fazer senão adormecer, e sonhar".

Após o massacre na fazenda de Mato Rujo, a segunda parte do livro começa com o encontro de Nina com um vendedor de bilhetes de loteria. É nesse ponto que o livro se revela. Não que o autor nos explique muito mais sobre os personagens; pelo contrário, seus passados continuam oblíquos, mas definitivamente ligados à morte de dois dos homens que mataram Manuel Rocas. É impossível, assim, saber se Nina diz a verdade em relação a seu passado. Mas, como parece nos lembrar Baricco, não existem, na literatura, verdades absolutas.

Seja como for, esses personagens revelam-se apenas em seus diálogos. A conversa travada entre os dois é lenta - o que marca uma das principais diferenças em relação à primeira parte - e entrecortada por silêncios (marcados graficamente por reticências). A linguagem de Baricco é simples, sem rebuscamento. Parece refletir os próprios personagens: aparentemente fáceis de decifrar, mas cheios de pequenas sutilezas a serem descobertas.

Da mesma forma como gera mundanças no tom da história, o tempo decorrente entre a primeira e a segunda parte também transforma a personagem. Nina, adulta, tem outro nome "- é conhecida, agora, apenas como Donna Sol "- e carrega o peso de sua família morta. O suspense criado por Baricco em torno da guerra e dos assassinatos na família de Nina

permanecem, e é difícil, até a última página, descobrir se ela é ou não a assassina dos homens que mataram seu pai.

Alessandro Baricco construiu um livro marcante, permeado de cenas extremamente visuais como em um filme. Não por acaso, o escritor estreou, no fim de 2008, como diretor de cinema, com o filme *Lezione ventuno*, e outro de seus romances, *Novecento*, foi adaptado para as telas por Giuseppe Tornatore (ganhando o título de *A lenda do pianista do mar*). Esse é um dos méritos do autor: sua rara habilidade de conferir a uma história de absoluto suspense (uma espécie de *thriller*) um desenvolvimento belo, poético, e com linguagem bem trabalhada, direta, mas cheia de metáforas e sonoridade, em que os silêncios são tão importantes quanto os diálogos.

A imagem poética que amarra a história de Nina do começo ao fim do livro é criada pela própria personagem. Escondida no buraco preparado por seu pai, e ouvindo a pequena guerra particular que se trava em sua casa, a menina se deita em uma posição de "concha", procurando o perfeito equilíbrio: "juntou os pés até sentir as pernas perfeitamente alinhadas, as duas coxas suavemente unidas, os joelhos como duas xícaras em equilíbrio uma sobre a outra, os tornozelos separados por um vão."

Essa imagem, retomada ao final da narrativa, antecipa algo que o leitor, no momento de tensão inicial, não poderia decifrar: a aparentemente calma tentativa de controlar o que o destino - ou, neste caso, os homens, a guerra - criou. O que Nina fará para tentar retomar o que lhe foi tirado no dia da morte de seu pai e de seu irmão é um mistério que Alessandro Baricco não está disposto a revelar. Em *Sem sangue* não há respostas, apenas questões.

**Sem sangue**  
Alessandro Baricco  
Companhia das Letras/88 páginas

## Trechos da obra

“[...] Ouviu o pai lhe dizendo alguma coisa, depois viu a tampa do alçapão baixar. Fechou os olhos, e os reabriu. Pelas tábuas do soalho filtravam lâminas de luz. Ouviu a voz do pai, que continuava a falar com ela. Ouviu o barulho das cestas arrastadas pelo chão. Ficou mais escuro, lá embaixo. Seu pai lhe perguntou alguma coisa. Ela respondeu. Tinha se deitado de lado. Dobrara as pernas, e ali estava, encolhida, como se estivesse na sua cama, não tendo mais nada a fazer senão adormecer, e sonhar. Ouviu o pai lhe dizer mais alguma coisa, com doçura, inclinado sobre o soalho. Depois ouviu um tiro, e o barulho de uma janela se espatifando em mil pedaços.

“- ROCA!... VENHA AQUI FORA, ROCA... NÃO FAÇA ASNEIRAS E VENHA AQUI FORA.

Manuel Rocas olhou para o filho. Arrastou-se até ele, ficando atento para não acabar exposto. Esticou-se para pegar o fuzil em cima da mesa.

[...]

Assim escondia Nina, a filha sobrevivente de Manuel Roca.

O homem olhava ao redor sem ver nada. Estava metido com seus pensamentos.

A ferocidade das crianças, pensava.

Nós reviramos a terra de modo tão violento que despertamos a ferocidade das crianças.

Virou-se novamente para a mulher. Ela estava olhando para ele. Ouviu sua voz dizendo:

“- É verdade que o chamavam de Tito?

O homem fez que sim.

“- Chegou a conhecer meu pai, antes?

“- ...

“- ...

“- Sabia quem era.

“- É verdade que foi o primeiro a atirar nele?

O homem balançou a cabeça.

“- Pouco importa...

“- O senhor tinha vinte anos. Era o mais moço. Fazia só um ano que combatia. El Gurre o tratava como a um filho.

Depois a mulher lhe perguntou se ele se lembrava.

O homem ficou olhando para ela. E só naquele momento, por fim, reviu realmente em seu rosto o rosto da menina, deitada lá embaixo, impecável e correta, perfeita. Viu aqueles olhos nesses, e aquela força inaudita na calma dessa beleza cansada. A menina: virara-se e olhara para ele. A menina: agora estava ali. Como o tempo pode ser vertiginoso. Onde estou?, perguntou-se o homem. Aqui ou naquela época? Já terei vivido um instante distinto daquele?

O homem disse que se lembrava. Que durante anos não tinha feito outra coisa senão lembrar-se de tudo.

(P. 16,53-54)

# Escritos arquitetônicos

*Lina por escrito* traz textos que elucidam a arquitetura modernista de forma simples e acessível



**A**o pensar em Lina Bo Bardi, a primeira referência que nos vem à cabeça é o grande prédio do Museu de Arte de São Paulo (Masp), símbolo da avenida Paulista criado pela arquiteta na década de 1960. O edifício tipicamente modernista, construído sobre pilotis (conjunto de colunas), nos dá uma pista de como Lina contribuiu de fato para a arquitetura brasileira.

A então jovem italiana chegou ao Brasil acompanhada do marido, em 1946, ansiosa com as possibilidades que a arquitetura do país, ainda relativamente nova e, portanto, sem vícios, oferecia. Nas palavras de Silvana Rubino, autora da introdução do livro *Lina por escrito*, "o Brasil parecia acenar, por meio dos *brises* e colunas deste edifício [o Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, primeiro edifício modernista do país] com uma possibilidade de novo mundo, (...) aquelas de um campo intelectual e institucional, no qual a arquitetura moderna parecia possível, inevitável e até mesmo uma condenação".

O entusiasmo por uma arquitetura moderna já era visível não apenas nos

desenhos e projetos de Lina Bo Bardi, mas sobretudo em seus escritos, como deixa claro o livro. Nessa edição, que reúne textos publicados em veículos da Itália, como "A Cultura della Vita", editado por ela própria com dois outros arquitetos, e em publicações do Brasil, como *Habitat*, revista ligada ao Masp, fica claro que ela era mais do que uma arquiteta: era uma pesquisadora de arquitetura. Chega a ser paradoxal o fato de que, apesar de ter construído pouco, e escrito muito, tenha ficado conhecida primordialmente pela primeira atividade.

Nos textos, Lina versa sobre detalhes da arquitetura moderna que defendia, como os interiores das casas e a própria relação do homem com seu lar, os espaços de convivência comum, a arquitetura a serviço da memória, a cultura popular. Mas sua contribuição maior está nas discussões que trouxe para os intelectuais brasileiros na divulgação da arte moderna do país. São escritos que, mais do que revelarem um período importante dessa arte, trazem para mais perto noções que nos fazem entender a relação de transformação do homem com a natureza e a cidade.

*Lina por escrito: textos escolhidos de Lina Bo Bardi*  
Lina Bo Bardi  
Cosac Naify/208 páginas

# Umberto Eco une misticismo e filosofia

Em *O pêndulo de Foucault*, o pensamento filosófico nasce do ocultismo das teorias da conspiração



**U**mberto Eco é um dos autores mais diversificados do século XX: escreveu ficção, como o famoso *O nome da rosa*, transformado em filme, e livros teóricos - muitos versando sobre a própria arte ficcional, como *Seis propostas para o milênio*. Mas em *O pêndulo de Foucault*, publicado no Brasil pela primeira vez em 1988, e agora relançado, o tom é esotérico. Porém, trata-se, primeiramente, de um livro metalinguístico, já que

os personagens principais - os amigos Belbo, Diotallevi e Casaubon - trabalham em uma editora.

De todo modo, o que é o pêndulo de Foucault? Trata-se de um mecanismo que existe de fato, projetado pelo físico Léon Foucault. Ele é apresentado na abertura do livro, quando um dos personagens se encontra dentro de um museu, elocubrando sobre o funcionamento do pêndulo.

Para desvendar e explicar uma brincadeira criada pelos três personagens principais, que desenvolvem "O Plano", uma espécie



# Um passeio pela noite

Em *Na noite escura*, Bruno Munari cria sensações e transforma o livro em objeto



"[...]  
Abro a capa do livro e  
Vejo por trás da mesma que  
o furo continua;  
Folheio as páginas, uma a  
uma.  
Vou passando as folhas,  
devagar, o furo continua.  
[...]"

Uma variedade, uma escultura guardada dentro de um livro,  
Escultura de nada: ou antes, de um pseudo-não;  
Fechada, escondida, para todos os que não quiserem  
Folhear o livro.  
[...]"

O poema acima, "A escultura folheada", do brasileiro Joaquim Cardozo, foi escrito certamente sem que o poeta tivesse jamais posto os olhos no livro *Na noite escura*, de Bruno Munari - lançado pela primeira vez em Milão, em 1956, e recentemente traduzido para o português. É a representação perfeita, porém, desse livro, que, transcendendo a palavra, exige uma percepção visual e sensorial da literatura. Não estamos falando de uma obra comum, destinada a crianças pequenas, como pode parecer à primeira vista. Apesar de ser uma história infantil simples, a sofisticação de suas ilustrações e de seu projeto gráfico seduz leitores de qualquer idade.

Um gato passeia pelos telhados da cidade e segue, página após página, um ponto de luz amarelo na noite - um furo, como no poema de Cardozo. No decorrer do livro, descobrimos a fonte dessa luz: "é o vagalume / que vai dormir no mato / porque o dia raiou". E, se a representação da escuridão da noite em contraste com a luz encontrou bela solução, o amanhecer enevoado parece ainda mais bonito: as páginas da segunda parte são de papel vegetal. O leitor é convidado a entrar no mato e ver os gafanhotos, as aranhas, as centopeias que começam o dia bem-humorados - tomando o café da manhã composto de folhas, construindo teias ou mandando engraxar seus sapatos. Uma trilha de formigas nos leva até uma gruta de papel pardo. No fim, o próprio autor se pergunta: "há quanto tempo estamos nesta gruta misteriosa?" A próxima página revela: tempo suficiente para a luz dos vaga-lumes terem aparecido de novo na noite.

Em *Na noite escura* Bruno Munari explorou suas aptidões de escritor, ilustrador, designer gráfico e artista plástico. E, para uma leitura completa, nenhum desses elementos pode ser considerado de forma isolada - são interdependentes.

*Na noite escura*  
Bruno Munari  
Cosac Naify/54 páginas

de teoria da conspiração, o autor usa mitos reais, como o dos Cavaleiros Templários (o mesmo que o autor d'*O Código da Vinci* explorou). Mas, logo, o que era uma brincadeira começa a ser levado a sério, e os personagens acreditam no próprio jogo que inventaram. "Será possível que eu - eu e Jacopo Belbo, e Diotallevi - houvéssemos intuído a verdade?", pergunta-se Casaubon, ao crer que, devido ao seu "plano", alguma sociedade secreta sequestrara seu amigo. O pêndulo seria um instrumento usado para que essas sociedades secretas, que formam a teoria da conspiração, pudessem se encontrar.

Mas a maestria de Eco não deixa que o livro caia no misticismo gratuito: o autor desenvolve ainda, na voz de seus personagens, questionamentos filosóficos - e o mais importante deles é representado pelo pêndulo. Nas palavras de Casaubon: "A Terra girava, mas o lugar onde o fio estava ancorado era o único ponto fixo do universo. Por isso, não era propriamente à Terra que o meu olhar se dirigia, mas ao alto, lá onde se celebrava o mistério da imobilidade absoluta".

*O pêndulo de Foucault*  
Umberto Eco  
Record - Edições BestBolso/681 páginas

# Música

## Um pioneiro da música eletrônica

Giorgio Moroder, um dos primeiros DJs do mundo, tem uma carreira marcada por inovações em obras com parceiros consagrados e em trilhas sonoras do cinema

Por Luana Alves    Imagens: divulgação

**E**m um de seus videoclipes, Donna Summer, de vestido brilhante e longos cabelos encaracolados, dança ao som da música "I Feel Love", de 1977, alternando movimentos sensuais e robóticos. Já no filme *Flashdance*, de 1983, a operária Jennifer Beals, interpretada por Alexandra Owens, sonha em ser bailarina e, à noite, dança em discotecas. Em sua mais célebre cena, Alexandra faz um aquecimento saltando e balançando a cabeça ao som de "What a Feeling", na voz de Irene Cara.



Logo nos primeiros álbuns, Moroder usou elementos eletrônicos que chamaram a atenção do público e da crítica



Em comum, as músicas das duas cenas têm batidas metálicas, sons sintéticos e toques abafados e agudos: elementos que são a marca do italiano Giorgio Moroder, um dos primeiros DJs do mundo.

Hoje com 69 anos, o produtor e compositor musical teve seu primeiro sucesso quando já beirava os 30 anos de idade. "Looky, Looky", porém, ainda não trazia os traços inovadores de Moroder, mas sim o tom do rock daquela década. Foi só em 1972, quando lançou "Son of my Father", que surpreendeu com os elementos eletrônicos na faixa título. No início, teclados, botões, fios e medidores eram vistos como inumanos, exóticos e até assustadores - inadequados para serem utilizados em música. Mas logo esses preconceitos se perderam, e tanto a crítica quanto o público se renderam à tecnologia do italiano.

A parceria intensa e duradoura com Donna Summer, que lhe renderia prêmios, começou pouco depois, com "I Love to Love You Baby". "I Feel Love" já seria a próxima. Era o início da era dos remixes, liderada por Moroder, prenunciando os anos 80.

No mesmo ano de lançamento desta segunda música, o homem de bigodes enormes e óculos Ambervision (outro hit da época, de lentes grandes) lançou o disco "From Here to Eternity", que já tinha sua voz robotizada e efeitos de *samplers* - aparelho que armazena diversos tipos de sons. A fórmula se manteve no segundo álbum, "E = MC<sup>2</sup>", assim como o sucesso.

Os diretores de cinema passaram a convidar Moroder para compor trilhas sonoras, mais um nicho em que ele conquistaria prêmios importantes. A primeira trilha foi a do filme *Midnight Express* (O Expresso da Meia Noite, de 1978), de Alan Parker, com a qual ele ganhou um Oscar e um Globo de Ouro. A faixa "The Chase" entrou para a história do imaginário pop eletrônico.

Na década de 80, Moroder seguiu compondo para o cinema. Antes do trabalho para o marcante *Flashdance*, dirigido por Adrian Lyne, compôs para *American Gigolo* e *Cat People*, de Paul Schrader. No mesmo ano de *Flashdance*, também fez a trilha de *Scarface*, de Brian De Palma, que lhe rendeu a indicação para mais um Globo de Ouro. Na lista há ainda *Top Gun* e *Beverly Hill Cop II* dirigidos por Tony Scott, e *Rambo III*, de Peter MacDonald.

Ao longo de sua carreira, Moroder também fez parcerias com grandes (e bem diferentes) nomes da música pop: Elton John, Barbara Streisand, Janet Jackson, David Bowie, Freddie Mercury e até Beyoncé. E produziu canções-tema de três olimpíadas: "Reach Out", para as de Los Angeles, em 1984, "Hand In Hand", para as de Seul, em 1988, e "Forever Friends", para os jogos de Pequim em 2008.

A afinidade de Moroder com a tecnologia foi além dos *samplers* e sintetizadores que usava em seus remixes: na metade da década de 80, ele se envolveu na concepção de um automóvel. O Cizeta-Moroder, batizado de acordo com seus criadores (o projeto foi realizado com o especialista em carros esportivos Claudio Zampolli - cujas iniciais, em italiano, são pronunciadas como "cizeta"), foi avaliado como mais veloz do que as Ferraris F40 e F50 e custava 300 mil dólares na ocasião do lançamento. Apenas dez foram fabricados.

A despeito desse fascínio por carro a praia de Moroder sempre foi mesmo a música. De preferência dentro de um estúdio, cercado de toneladas de aparelhos

eletrônicos, sequenciadores e osciladores de ondas, como ele afirmou em entrevista para um vídeo promocional gravado pela Casablanca Records, sua gravadora na década de 1970: "Eu não gosto de fazer performances ao vivo. Estive na Europa quando um hit meu tocava por lá e toda noite era um pesadelo, então decidi não fazer mais isso."

No mesmo vídeo, que pode ser encontrado no Youtube com o nome "Giorgio Moroder Promo Video", ele demonstra como usar o *vocoder* - instrumento que sintetiza a voz humana. "Há dois componentes: um é a voz, e o outro é o sintetizador. E o *vocoder* mistura os dois", explica. Depois de apertar algumas teclas, ele brinca ao microfone, com um som vibrado: "1, 2, 3 e 4 e eu tenho uma voz computadorizada." É o pioneiro da música eletrônica fazendo uma demonstração do que seus brinquedinhos são capazes.



As trilhas sonoras são parte marcante do trabalho de Moroder: as de *Scarface*, de Brian De Palma, e *Flashdance*, de Adrian Lyne, são as mais famosas

# Cinema

## A exuberante e talentosa Sophia Loren

Aos 75 anos, a mais famosa atriz italiana ainda atua no cinema e na televisão, mantendo uma carreira que começou cedo - mas inicialmente vista apenas como a de uma bela mulher

Por Antonio Ricardo Soriano | Imagens: Flashstar Home Video

**S**ophia Villani Scicolone nasceu em Roma, em 20 de setembro de 1934. A infância foi difícil: o pai abandonou a família, sabendo que a esposa engravidara novamente. Com as dificuldades econômicas agravadas pelo nascimento da segunda filha, Romilda, a mãe, não consegue viver em Roma e volta para a casa paterna, na pequena cidade de Pozzuoli, nas proximidades de Nápoles. Em 1940, com o envolvimento da Itália na 2ª Grande Guerra, a família precisa se adaptar aos bombardeios, à vida nos abrigos e à escassez de comida e água.

Sua mãe, uma cantora e atriz fracassada, transfere todos os seus sonhos de sucesso para a filha mais velha. Ainda bastante jovem, Sophia participa de um concurso de beleza e, entre centenas de concorrentes, consegue classificar-se entre as doze finalistas. Resolve, então, trocar o colégio por uma escola de arte dramática.

Sophia passa a sonhar com o cinema. A primeira oportunidade surge quando uma produtora norte-americana contrata figurantes para a superprodução *Quo vadis* (rodada em 1951, no estúdio cinematográfico Cinecittà, em Roma). Sophia e sua mãe viajam para lá e conseguem duas vagas. Depois, ainda em Roma, Sophia atua como modelo fotográfico em revistas de fotonovelas italianas, gênero que no pós-guerra se popularizara. Durante dois anos e meio usou o nome artístico de Sophia Lazzaro, que se tornou muito conhecido. O salário era pequeno, mas dava para Sophia e sua mãe viverem em Roma, a terra das oportunidades.

A grande virada acontece em 1950. Sophia assistia a um concurso de beleza,

quando recebe um convite de um dos juizes do concurso, o já famoso produtor de cinema Carlo Ponti, para um teste cinematográfico. Estudar arte dramática, a fim de aprender técnicas de representação e boa dicção, é consequência natural. Nasce entre ambos forte admiração que se transforma em amor, apesar da diferença de idade (Ponti é vinte e um anos mais velho).

### Primeiros passos

Com a ajuda de Ponti, Sophia participa de muitos filmes, ainda em pequenos papéis que exploram seus atributos físicos. Quando Ponti percebe que Sophia está suficientemente preparada, lhe dá o papel principal de "África sob o mar" (*Africa sotto i mari*, 1952), e seu nome artístico muda para Sophia Loren. Nesse filme, o diretor Giovanni Roccardi realça o belo corpo de Sophia em lindas cenas aquáticas, o que a coloca no *hall* das mais belas atrizes italianas.

A partir de 1953, Sophia Loren começa a trabalhar em vários filmes, que lhe dão experiência, independência financeira e popularidade. Nos dois anos seguintes, atua ao lado de seus grandes amigos, Marcello Mastroianni e Vittorio De Sica, nos filmes "Bela e canalha" (*Peccato che sia una canaglia*, 1954), de Alessandro Blasetti, e "A bela moleira" (*La bella mugnaia*, 1955), de Mario Camerini.

Sempre com a ajuda de Ponti, Sophia passa a trabalhar em outros países. Na Espanha, atua no filme "Orgulho e paixão" (*The pride and the passion*, 1957), de Stanley Kramer, ao lado de dois atores americanos famosos: Frank Sinatra e Cary Grant. E no ano seguinte conquista, finalmente, a atenção dos produtores de Hollywood, pois a Paramount Pictures lhe oferece um contrato para atuar no filme

"Desejo" (*Desire Under the Elms*, 1958), de Delbert Mann.

Em Hollywood, Sophia Loren aperfeiçoa o seu inglês e atua no filme "A orquídea negra" (*Black orchid*, 1959), de Martin Ritt, com Anthony Quinn, quando conquista seu primeiro reconhecimento internacional, com o *Volpi Cup* de Melhor Atriz no Festival de Veneza. Recebe, nessa época, em média 300 mil dólares por filme.

O grande reconhecimento da crítica ocorre com o filme "Duas mulheres" (*La ciociara*, 1960), de Vittorio De Sica. O filme dá a Sophia Loren os dois principais prêmios de Melhor Atriz: no Festival de Cannes e no Oscar (ela foi a primeira atriz a ganhar o Oscar por um filme falado em outra língua que não a inglesa). Um ano depois, atua ao lado do genial Federico Fellini, no filme "Boccaccio 70" (*Boccaccio 70*, 1961), novamente sob a direção de Vittorio De Sica.

### Consagração

Na década de 60, Sophia Loren é considerada uma das atrizes mais belas e populares do mundo, ao lado de Marilyn Monroe, Brigitte Bardot e Elisabeth Taylor. Teve, também, excelentes interpretações ao lado de Marcello Mastroianni, nos filmes "Ontem, Hoje e Amanhã" (*Ieri, oggi, domani*, 1963) e "Matrimônio" à italiana (*Matrimonio all'italiana*, 1964), ambos dirigidos por Vittorio De Sica. De fato, Mastroianni foi o seu maior parceiro, em 13 filmes.

Em 1966, ela finalmente se casa com Carlo Ponti, o organizador e planejador de sua carreira. Eles já viviam juntos havia mais de uma década. Com ele, Sophia tem dois filhos, Carlo Ponti Jr. (nascido em 1968) e Edoardo (em 1972).

Para se dedicar à criação de seus filhos, Sophia diminui seus trabalhos no cinema, mas mesmo assim obtém ótimas atuações em filmes como "A condessa de Hong Kong" (*A countess from Hong Kong*, 1966), de Charles Chaplin, "Os girassóis da Rússia" (*I girasoli*, 1969), de Vittorio De Sica e "Um dia muito especial" (*Una giornata particolare*, 1977), de Ettore Scola. Os anos 80 e 90 foram repletos de reconhecimentos e premiações, incluindo os importantes prêmios César e Oscar pelo conjunto da obra (1991).

Em 2007, perde Carlo Ponti, que falece



Em Um dia muito especial, do diretor Ettore Scola, Sophia contracena com Marcello Mastroianni, parceiro constante da atriz nas telonas

aos 94 anos. No mesmo ano, aos 73, Sophia posa para o Calendário Pirelli, em uma discreta, mas sedutora foto, tornando-se uma das modelos mais idosas da história a enfeitar a publicação. Quem, senão Sophia, poderia fazê-lo?

Em 2009, trabalha em mais um filme, o musical "Nine" (baseado no clássico "8 e ½", de Federico Fellini), dirigido por Rob Marshall. Interpreta, também, a própria mãe no filme *La mia casa è piena di specchi* (baseado no livro de memórias de sua irmã). O trabalho será exibido em duas partes pela TV pública italiana (RAI), até o final deste ano.

Ainda em 2009, Sophia recebe como homenagem o batismo de parte de uma rua à beira-mar com seu nome, na famosa cidade balneária de Jesolo, perto de Veneza. E no início do ano, é uma das apresentadoras da "Noite do Oscar".

Sophia Loren passou, assim, de uma criança pobre para uma das estrelas mais exuberantes e famosas do cinema, sendo ela a primeira atriz italiana a se destacar em Hollywood. Disse, uma vez: "Há uma fonte da juventude, é sua mente, seu talento."

# Perfil

## Um maestro em tempo integral

Salvatore Callia dedicou-se com paixão à carreira musical e deixou um legado de mais de 500 obras compostas em bico de pena, nanquim e tradição

Por Ana Carolina Addario Imagens: Arquivo Centro de Memória do Colégio Dante Alighieri

**12** de maio de 1957, vinte e uma horas. A rádio Gazeta, uma das maiores difusoras radiofônicas brasileiras da época, transmite na interpretação do barítono Rio Novello o poema sinfônico "Tiradentes", executado nos palcos do Teatro Municipal de São Paulo seis anos antes. As notas por detrás da obra que contava a história do mártir da Inconfidência Mineira, um relato absolutamente brasileiro, foram compostas por um italiano, também responsável pela transcrição das partituras de cada instrumento. Doce e bem apessoado, de cabelos bastante espessos, e com o tradicional lenço branco na lapela do paletó - elemento que se

tornaria marca registrada da elegância do compositor -, o italiano era um rigoroso maestro. Perto dos 60 anos de idade, mais da metade dos quais vividos no Brasil, o maestro Salvatore Callia ouviria, do sofá da sala, (onde descansava ao lado do antigo companheiro desde os tempos na Itália, o bom e velho piano J.G. Vogel & Sohn), sua obra transmitida em escala nacional. Sobre o piano alemão, um retrato do compositor de óperas Giuseppe Verdi dava o tom da trajetória. Tratava-se de uma carreira regida por paixão, disciplina e muita tradição.

A história de amor entre o então jovem Salvatore Callia e a pátria que adotou como sua - sem jamais sobrepô-la às tradições e aos costumes italianos -, começa em 1921, três anos depois do fim da Primeira Guerra Mundial. Após dias em alto mar, às vésperas de completar 30 anos, conciso nas palavras até aquele momento inteiramente proferidas em seu idioma natal, desembarca no porto de Santos, litoral de São Paulo. Sozinho, sobe a serra litorânea e se instala em uma pequena residência no bairro da Mooca.

Já devidamente instalado no Brasil e dedicando-se ao ensino de piano, harmonia e canto, deu as ordens para que a esposa Isabella Bovino Callia atravessasse o Atlântico rumo ao Brasil com os dois filhos Nicolau e Edmundo - pouco depois, em território brasileiro nasceriam mais dois, Vinícius Walter e William Primo Ermeto.

A saga da família Callia, que geraria médicos, engenheiros e professores, é orientada por uma carga genética bastante poética, herança consanguínea originada nas veias de Salvatore Callia, ou



A Gazeta de 11 de maio de 1957 anunciava a transmissão que seria feita no dia seguinte para todo o país: a do poema sinfônico "Tiradentes", de autoria do maestro Callia

o maestro, como carinhosamente fora apelidado graças à carreira como compositor clássico.

Teve filhos e netos que se aventuraram no universo da música, outros que enveredaram pelo mundo das artes plásticas. Mas, entre todas as aspirações artísticas que germinavam no seio da família, uma lei deveria ser respeitada: não nasceria um Callia que não arriscasse o talento diante de um piano, fosse pelas aulas lecionadas pelo patrono da família no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo ou no Colégio Dante Alighieri, fosse pela prática no bom e velho J.G. Vogel & Sohn. Durante toda a vida, o maestro sustentou uma relação professoral com todos os integrantes da família. Considerava a música um elemento fundamental para o desenvolvimento humano.

Homem de tradições fortíssimas, só trocou a pena por uma caneta tinteira depois de anos de insistência da família - era apegado a seus velhos instrumentos. Em sua mesa de jantar, a mais ninguém era permitido sentar à cabeceira, senão ao patriarca dos Callia. E falar, só depois de pedir sua permissão. Em sua casa, não se falava outro idioma senão o italiano, e aos cinco netos era expressamente proibido circular por ela em dias de ensaio, sob pena de levar broncas severas. Para eles, ficou o costume de escutar os ensaios no primeiro degrau da escada do sobrado para onde o maestro se mudou e permaneceu até o fim da vida, na Rua Cristiano Viana, em São Paulo; e a lembrança dos fins de semana no sítio da família à margem da represa Billings, onde, amparado por um bandolim, o maestro passava as tardes tocando as músicas napolitanas de que tanto gostava.

### **Formação consistente e criações vigorosas**

A habilidade artística de Salvatore Callia expressou-se quando ele ainda era menino, em Polignano a Mare, cidade ao sul da Itália onde nasceu e viveu sua



*O talento de Callia foi reconhecido por importantes maestros ainda em sua infância. Quando se mudou para o Brasil, já havia concluído os estudos no mesmo conservatório em que se formou Giuseppe Verdi - um ídolo do maestro*

infância e adolescência. Aos 9 anos tocava admiravelmente guitarra e dava lições básicas sobre instrumentos populares, e não tardou para ser descoberto pelo maestro Antonio Pedote, que o enviou a seu colega maestro Iganzzio Guglielmi. Com ele, Callia iniciou o curso instrumental de piano. Os conhecimentos de harmonia e contraponto viriam um pouco mais tarde, sob a inspeção do maestro José Mancini. Resultado: Callia sai da Itália já como concertista formado pelo Conservatório de Milão (o mesmo que formou seu ídolo Giuseppe Verdi) e navega para o Brasil com a intenção de reunir a cultura italiana



*O maestro veio ao Brasil em 1921, sozinho, e, assim que se estabilizou como professor de música, chamou a esposa e os dois filhos. Os outros dois, mais novos, já seriam brasileiros*

à produção clássica brasileira, e incorporar novos elementos à sua própria formação. Os hormônios do jovem e entusiasmado compositor secretavam criatividade. O concertista compôs óperas, operetas e musicais, apresentando-se ainda muito jovem em diversos teatros na Itália, em parceria com outros músicos da época. Mas é a partir da chegada ao Brasil que sua produção começa a ganhar corpo e dimensões inimagináveis. O marco profissional de sua chegada no país consta do poema musical "1922", realizado no ano que intitula a obra, produzida especialmente em comemoração e glorificação ao centenário da Independência do Brasil. Já o marco emocional com a música brasileira ficou por conta da rica obra de um dos maiores compositores nacionais, Carlos Gomes, cujas peças o maestro costumava passar horas ouvindo.

Constituindo um acervo de 500 trabalhos produzidos para as mais diversas sonoridades, e que seriam veiculadas no Brasil por sete editoras, as obras de Callia expandiram suas possibilidades e passaram também a abranger sinfonias, romanzas e noturnos, difundidos em todo

o mundo. O autor foi agraciado, entre outros prêmios, pela Academia Internacional de Música com o segundo e terceiro lugar no segundo Concurso Internacional, e com a Medalha de Ouro da Casa Ricordi, uma de suas editoras. Além disso, por sua honrosa atuação profissional, o estado de São Paulo denominou um colégio situado na capital de Maestro Salvatore Callia, e a Prefeitura da cidade lhe dedicou a rua Maestro Callia, localizada no bairro da Vila Mariana. Também em Polignano a Mare, a Prefeitura o homenageou com a designação de uma praça pública com seu nome, a Via Maestro Callia.

Em 1945, embora já houvesse decidido que não comporia mais óperas, concluiu uma famosa peça do gênero sobre o guerreiro tupi "Y-Juca-Pirama", baseada na obra de Gonçalves Dias. A ópera foi apresentada no Instituto Visconde de São Leopoldo - nome que o próprio Colégio Dante Alighieri adotou por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Quatro anos mais tarde, finalizou a ópera "Faída", com libreto de Júlio David Leoni. Mas, além de grande compositor, o maestro marcou o cenário da música clássica no Brasil como professor de grandes instituições.

### ***Nonno e mestre***

Em fevereiro de 2009, a Educação Infantil do Dante recebeu em suas salas de aula um pequeno Callia, peralta como todo moleque nessa fase da vida. Embora seja ainda muito novo para entender, ele representa a quarta geração de um relacionamento muito bem-sucedido entre a família Callia e o Colégio. Em 1930, o maestro se tornou professor de música da instituição, cargo que ocuparia durante 39 anos e que lhe proporcionaria a possibilidade de compor o hino cantado até hoje na escola. Da intersecção entre a formação apaixonada por música e a experiência de lecionar para crianças e jovens resultou que mais da metade de seus 500 trabalhos e de suas coleções musicais têm por temática a infância e a juventude. Em memória de sua trajetória,



*Severo e muito crítico quando o assunto era música, Callia foi um professor rigoroso e de métodos tradicionais*



a sala de música do Dante recebeu o nome de Maestro Callia - ele faleceu em 1971, acometido por um infarte.

A relação do compositor com a didática da música foi o fator responsável pela publicação de três livros: *Noções de música*, da editora Wagner; e duas versões de *Cantos escolares*, das editoras Fermata do Brasil e Vitale.

Desde seu ingresso como professor, todos os integrantes da família Callia tiveram passagem pelo Colégio e pelas salas de aula do maestro. Com os familiares dentro da escola, segundo relatos do neto Cláudio Callia, ele agia como avô e professor. Consta o episódio do menino Cláudio, no qual, desinteressado das aulas de Italiano (visto que já conhecia o idioma fluentemente, afinal, só se comunicava nele em sua casa), desenhou numa dessas aulas, uma silhueta nua de mulher, o que chamou a atenção dos colegas. Ao recolher o desenho, imediatamente a professora mandou o Calliazinho para a sala do maestro, de quem ela esperava que o garoto recebesse um castigo. O maestro inspecionou o desenho e reconheceu no autor genuínos dotes artísticos: "Deixe os desenhos para fazer em casa, querido. Mas não deixe de fazê-los, este está muito bonito", pronunciado em um italiano doce, relembra o neto.

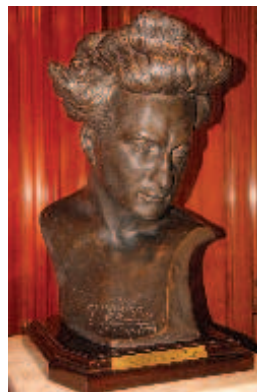
O mesmo Cláudio Callia, em meados dos anos 1970, tomou as lições de música do avô e se arriscou como pianista e tecladista da banda Baobás, que acompanhava Caetano Veloso em turnê, com quem se apresentou em diversos programas da televisão brasileira, entre os quais a Discoteca do Chacrinha. Após uma dessas apresentações, o garoto voltou para casa com a sensação de trabalho cumprido, e do sofá da sala ouviu o toque abafado do telefone. "Só pode ser o *nonno*", pensou. Fazendo a função de maestro e professor, o avô indicava ao neto os pontos da harmonia aos quais deveria dispensar mais atenção. "Ele tinha um ouvido extremamente crítico a qualquer tipo de música", conta Cláudio.



Já um outro neto, Edo Callia, engenheiro e pianista arranjador do Tradicional Jazz Band, conta que, para receber ensinamentos de jazz do avô, era necessário se empenhar e produzir o dobro nas aulas de teoria musical, o que contribuiu decisivamente para sua formação. "Para cada três aulas produtivas que eu fazia com o *nonno*, tinha direito a um ensinamento de jazz". O termômetro para compreender o nível de satisfação do maestro era o idioma em que os apontamentos eram feitos: dicas dadas em português significavam que Edo estava indo bem. Agora, se o maestro falasse em "poliganês"...

*Rigoroso em sua formação e no trato com tudo o que se relacionasse à música, o maestro era um apaixonado pela profissão*

Dos 39 anos lecionando no Dante, Callia teve a oportunidade de ensinar música a várias gerações, o que conferiu ao maestro uma espécie de caráter atemporal. Muitas vezes deparou-se com alunos pouco talentosos musicalmente, situações em que não chegava a ser, porém, intransigente. Diversas vezes concedia notas altas a alunos muito pouco competentes. O argumento era simples e cheio de reverência. "Sua nota é oito: um por você, sete por seu pai".



João Florêncio

*O Dante também homenageou, no início de novembro, o maestro Callia: deu à sala de música o nome do ex-professor*

# Espaço Aberto



# I vitelloni

Por Nicholas Merlone Ilustração: Milton Costa

Júlio e César se conhecem desde a pré-escola. Frequentavam as aulas assiduamente e não tinham problemas com notas, destacando-se nas provas sem grande esforço. Tinham amigos com quem batiam figurinhas no recreio, corriam até a biblioteca no intervalo escadarias abaixo para pegar o último livro da Bruxa Onilda ou da coleção "Salve-se quem puder", ou ainda para ir à Informática jogar Sin City 2000. Tinham também outros colegas que lhes atiravam giz e bolinhas de papel amassado, mas também esses colegas, nas olimpíadas entre as classes, vestiam a camisa do mesmo time de Júlio e César e , e todos suavam juntos para vencer.

Os anos passaram. As "tias" e as figurinhas ficaram para trás. Muito pó o vento soprou. A timidez com as garotas começou a ser esquecida. O friozinho na barriga superado e deixado somente para o inusitado, para aquelas poucas horas que o despertam sem explicação aparente. Formaram-se. Prestaram vestibular e passaram. Um novo momento se aproximava.

Tiveram namoradas, frequentaram festas das faculdades, chopadas, churrascos, competições esportivas em outras cidades. Viveram a vida acadêmica da melhor forma possível. Como teria de ser vivida. Está certo que demoraram alguns anos a mais para se formarem, mas pelo menos ganharam experiência. Com as garotas de Letras, conheceram a fundo Vinicius de Moraes. Com as de Cinema, a sensualidade de Bertolucci e a sensibilidade de Tornatore em *Cinema Paradiso*.

Nessa fase acadêmica, de novas descobertas e aventuras, os dois sentiam uma grande necessidade investigativa e, portanto, saíam à noite pelas ruas do Mar de Pedras de bar em bar, de esquina em esquina, conhecendo novas *donnas* e tomando fogo. Tentavam descobrir o sentido da vida? Ou seria apenas puro hedonismo? Lembravam *I vitelloni*, de Fellini. Mergulhavam na escuridão e desfrutavam de seus encantos.

Apreciavam alguns prazeres desse mundo caótico, de trânsito e buzinas. Mas não eram hedonistas, no fundo amavam a vida em seus menores detalhes. Até a noite tem poesia. Nela, de madrugada, numa metrópole de milhões e milhões de pessoas, cada uma tem sonhos que se perdem no emaranhado de concreto, e os dois caminhavam pela grande avenida quase vazia, quase silenciosa, toda iluminada.

Olhavam um mar de janelas escuras e acesas, a lua cheia imponente no alto, e embaixo os poucos carros, os poucos transeuntes. Pensavam que, dali a um tempo, amanheceria, e trabalhadores desceriam dos ônibus e saltariam do metrô. E ainda viam o dia vencer a noite, enquanto a Dama se vai e o Rei chega.

Finalmente, tomavam café da manhã numa bela padaria e iam para suas casas, pois no dia seguinte tudo começava de novo: estudos, trabalho, família... Até que a próxima noite os convidasse.

# Ensaio fotográfico

Por Lia Coldibelli

A mistura das culturas brasileira e italiana, como não poderia ser diferente, também se deu na cozinha. Para este Ensaio, escolhemos algumas receitas que nasceram na Itália, mas ganharam um sabor especial do lado de cá do Atlântico.



*O nhoque é um prato típico italiano feito à base de batata e farinha de trigo. No Brasil, a batata foi substituída por um ingrediente de sabor mais marcante, a mandioquinha. O chef Fernando Martinez, responsável pela cozinha do Vira-Lata, prepara a massa e a condimenta com manteiga e rosmary, aqui mais conhecido por alecrim.*

*A lasanha é um prato servido especialmente em dias de inverno. A clássica lasagna à bolognesa, variação mais conhecida do prato, provém da região da Emília-Romanha, no norte da Itália. O prato invernal ganhou um toque tropical em nossas quentes terras brasileiras. A pedido de alguns surfistas que frequentam o restaurante de comida natural Orange, a chef Karen Foretto criou a lasanha de banana-nanica e queijo branco. Uma versão vegetariana e extremamente brasileira.*



*O pesto é um condimento proveniente de Gênova, litoral norte da Itália, e é feito de manjeriço e pinoli, uma espécie de castanha comum da região. O chef italiano Giancarlo Cassone, do restaurante Brasiliani, prepara o pesto de rúcula. No lugar do pinoli, entra uma famosa integrante da culinária brasileira, rica em proteína: a castanha-do-pará.*





*A pizza nasceu por volta de 1600 na Itália meridional, por conta da necessidade de tornar mais saborosa a massa do tradicional pão. No início, era somente uma massa de pão cozida em forno a lenha e temperada com alho, banha e sal ou, em uma versão mais rica, com queijo e manjericão. Com o passar do tempo, a pizza ganhou ingredientes diversos na Itália e no resto do mundo. No Brasil, um dos tipos mais inusitados que conquistaram o paladar dos fãs da redonda é a pizza doce. A de brigadeiro reúne a tradicional receita italiana ao doce mais famoso das festinhas brasileiras. Na foto, a pizza de brigadeiro do restaurante Viena.*

*As origens do panetone são, até hoje, misteriosas, mas muitas lendas contam como ele nasceu. Segundo a mais famosa, ele foi feito pela primeira vez em uma pequena padaria em Milão. O pão açucarado com manteiga fazia sucesso e rendia um bom dinheiro ao padeiro Toni. Mas foi na véspera de Natal que foram adicionadas as deliciosas frutas cristalizadas. O pane del Toni (pão do Toni) tornou-se típico dessa data na Itália e no mundo. Na cozinha da confeitaria brasileira Elisa Tomie Koike, do Côte Jardin, a receita também foi incrementada na véspera do Natal. Sua equipe pensava em um modo de deixar o panetone ainda mais gostoso. A solução foi recheá-lo com um dos mais típicos doces brasileiros: a goiabada.*





Por Silvia Percussi  
Fotos: Tadeu Brunelli

# Gastronomia

## Uma cozinha antiga

**A** Basilicata também é conhecida como Lucânia, nome que lhe foi conferido em memória da população que ali residia, os lucanos. É uma região que reúne em si todas as características típicas do sul da Itália.

Suas peculiaridades enogastrômicas são apreciadas desde a antiguidade. Existe até hoje, por exemplo, uma linguiça muito admirada antigamente pelos romanos que se chama *luganega* ou *lucaniga*, originada na Basilicata, mas encontrada e conhecida em toda a Itália.

A cozinha tradicional da região baseou-se nos ingredientes simples utilizados pelos camponeses, mantendo até o presente seus aromas e sabores deliciosos. Um dos ingredientes fundamentais é a carne suína, tradicionalmente criada e abatida observando-se um ritual que culmina em uma festa para a qual são convidados vizinhos e familiares. Entre os produtos derivados do suíno - além da já citada linguiça *luganega*, aromatizada com pimenta-preta e calabresa (que pode ser degustada crua, assada, frita, seca ou em conserva de azeite)-, merecem ser mencionadas a tão apreciada *sorpressata* (linguiça de carne suína cortada com a ponta da faca) e a *pezzenta*, feita somente com as sobras suínas, como rins, coração, pulmões e tripas.

A massa feita à mão com farinha de grano duro, sal e água é provavelmente uma invenção lucana também. Existem diversas variedades, como *fusilli*, *lagane* (nome utilizado pelos gregos para lasanha), *cavatelli*, *calzoni*, *orecchiette*. O seu tempero tradicional é o ragu de carne,

preparado com as carnes de cordeiro, suína e ovina, cozidas no molho de tomate depois de refogadas.

O pão também se faz presente em muitas receitas de pratos principais. Normalmente sua base é a farinha de grano duro. O fato de ser cozido em forno a lenha lhe confere um sabor especial. É ainda muito apreciado o pão produzido nas cidades de Matera e Altamura, feito somente de sêmola, em formas de grandes dimensões.

Normalmente os pratos tradicionais são enriquecidos com o gosto do *peperoncino* e da pimenta calabresa, além dos *peperoni crush*, pimentões secos ao sol em pitorescos colares vermelhos encontrados frequentemente nas janelas das casas rurais.

Os queijos constituem uma pérola da gastronomia lucana. Destaca-se o *pecorino*, com sabor inigualável, produzido com leite de ovelhas e cabras criadas preferencialmente soltas nos pastos, e maturado de três a doze meses. Vale a pena também provar outras variedades caseiras como as ricotas, as mozzarelas, o *provola*, o *caciocavallo* e a *caciotta*.

A Basilicata não é rica na receitas de doces. Mas entre os mais populares estão o *sanguinaccio*, preparado com sangue suíno, chocolate, passas, casca de limão, canela e açúcar, e a *lagana chiapatta* um dos doces mais antigos, preparado com a mesma base da lasanha com mosto cozido, nozes, passas, miolo de pão e maçãs.





### ***Pan cotto***

#### **Ingredientes:**

300 g de pão caseiro amanhecido  
300 g de chicória  
2 ovos  
150 g de linguiça lucana  
100 g de *pancetta*  
2 pimentas-malaguetas  
caldo de carne  
azeite e sal

#### **Modo de preparo:**

Corte em cubinhos a *pancetta* e deixe-a refogar em pouquíssimo azeite. Acrescente a linguiça picada e a chicória limpa e lavada, e então tempere com sal, regando gradualmente com o caldo. Quase no final do cozimento, junte a pimenta picada e os ovos batidos. Distribua tudo em forminhas já preparadas com o pão amanhecido em pedacinhos.



### *Insalata di baccala*

#### **Ingredientes:**

800 g de bacalhau sem sal  
salsinha, alho e suco de limão siciliano a gosto  
azeite

#### **Modo de preparo:**

Cozinhe o bacalhau e desfie-o em um prato. Tempere com o suco de limão, o alho picado, o azeite e a salsinha. Sirva ainda morno.

### *Arance al forno*

#### **Ingredientes:**

8 laranjas sanguíneas ou toranjas  
manteiga sem sal a gosto  
licor de laranjas  
mel  
açúcar a gosto  
amêndoas em lâminas

#### **Modo de preparo:**

Limpe e descasque as laranjas. Coloque as fatias em uma folha de papel alumínio, acrescente um pouco de manteiga, regue com o licor e feche bem a folha. Cozinhe em forno preaquecido a 180°C durante 10 minutos. Adicione o açúcar, o mel e as amêndoas.



A chef Silvia Percussi, autora do livro "Funghi - cozinhando com cogumelos" (editora Keila & Rosenfeld), é responsável pelo cardápio do restaurante Vinheria Percussi desde 1988. Rua Cônego Eugênio Leite, 523, Jardim América. De terça a domingo. Fone: 3088-4920/3064-4094

**CONHEÇA O MUNDO MÁGICO DO**

**PEEKABOO**

**Unidade Jardins**

Rua Manuel da Nóbrega, 498  
Jardins Tel.: 3051-7828

**JARDINS**

Elevador Discovery  
Discoteca Completa  
Cama Elástica  
Barco Vicking  
Super Parede de Alpinismo  
Games (Jogos em Rede)  
Trem Bala  
Super Brinquedão  
com área baby  
Lanchonete Infantil  
Palco c/ Camarim  
Casinha do Macaco  
Dardo Eletrônico  
Carrossel  
Air Boy  
Máquina de Dança  
área Zooopa  
Painel Temático com  
sons de bichos  
Super Tombo  
Street Ball  
e muito mais...



**Unidade Higienópolis**

Rua Bahia, 764 Higienópolis  
Tel.: 3661-7640

**HIGIENÓPOLIS**

Barco Vicking  
Games / Air Boy  
Super Brinquedão  
com área baby  
Máquina de Dança  
Mono Rail  
Cama Elástica  
Área Teens  
Lanchonete Infantil  
Casinha do Macaco  
Parede de Alpinismo  
Carrossel  
Dardo Eletrônico  
Games (jogos em rede)  
Super Tombo  
Espelho Mágico  
Street Ball  
Snow Board  
e muito mais...



**MOEMA**

Cama Elástica  
Roda Palhaço  
Camarim de Fantasias  
Elevador Discovery  
Casinha de Boneca  
Máquina de Dança  
Carrossel  
Super Brinquedão  
com área baby  
Parede de Alpinismo  
Eletrônica  
Lanchonete Infantil  
Dardo Eletrônico  
Lan House  
Super Tombo  
Street Ball  
e muito mais...

**Cardápios diferenciados**

Menu Kacher  
Menu Japonês  
Menu Árabe  
e outros...

**Criamos  
lembrancinhas  
personalizadas**

**Estacionamento  
com manobrista**

**ITAIM**

Bolicho Eletrônico  
Cama Elástica  
Barco Vicking  
Parede de Alpinismo  
Games / Air Boy  
Super Brinquedão  
com área baby  
Lanchonete Infantil  
Casinha de Boneca  
Máquina de Dança  
Vitrine Animada  
Carrossel  
Super Tombo  
Street Ball  
e muito mais...

**Unidade Moema**

Av. Moema, 414  
Moema Tel.: 5051-1818



**Unidade Itaim**

Rua Dr. Alceu de  
Campos Rodrigues, 174  
Itaim Bibi Tel.: 3845-3006

[www.buffet Peekaboo.com.br](http://www.buffet Peekaboo.com.br)

# Turismo

## Um passado vivo

A Basilicata reúne os hábitos de uma população majoritariamente camponesa aos sinais de um passado ainda muito presente, como sítios arqueológicos e casas feitas de pedra

Por Edoardo Coen Fotos: Agência Nacional Italiana de Turismo (Enit)



*O Parque Nacional Pollino possui condensadas as características naturais da região da Basilicata, marcada por colinas e vastos campos*



**A** região a ser visitada desta vez é a Basilicata, expressão possivelmente derivada do nome com que se designava o áulico bizantino, "basilikós", que significa "funcionário do rei" e aparece pela primeira vez em 1154 no *Catálogo dos barões normandos*. Antes disso, a região se chamava Lucânia, ou seja, "terra dos lucanos", e abrigava uma população itálica, de língua osca, que se fixou na área no século VIII a.C.

Localizada quase no calcanhar da bota, a Basilicata oferece ao turista vastos horizontes, silêncios profundos e uma calma bucólica longe dos grandes centros, além da paisagem de duas costas: uma banhada pelo mar Jônico, ao centro do golfo de Tarento, e a outra, pelo mar Tirreno.

Essa pequena e áspera região, a mais montanhosa entre todas as que formam o Sul italiano, já foi o símbolo do atraso e do isolamento. Terminado o último conflito bélico, o escritor Carlo Levi, que nos anos 30 tinha sido relegado pelo governo fascista, reforçou essa imagem ao publicar o livro *Cristo parou em Eboli*, revelando ao resto da Itália os costumes e os rituais daquela civilização camponesa e pastoril.

Hoje, evidentemente, passados mais de 70 anos, a situação mudou para melhor. No entanto, percorrendo as localidades mais isoladas e conversando com os moradores mais idosos, é possível notar-lhes, no comportamento, certas peculiaridades que reportam a tempos remotos.

### **Potenza, a capital**

Iniciaremos agora o nosso tour visitando **Potenza**, capital administrativa regional. Fundada em 267 a.C. pelos picenos, passou em seguida para a esfera de influência dos romanos, quando recebeu o nome de "Potentia". A nossa visita, no entanto, será breve, já que terremotos desfiguraram quase que por completo seu centro histórico.

Poucos são, portanto, os edifícios de elevado valor artístico. Merece uma visita a catedral medieval dedicada a "San Gerardo", a igreja de "San Francisco", construída em 1274, e o Palácio Municipal. Parada obrigatória é o Museu Arqueológico Municipal, cujo acervo contém uma preciosa coleção de objetos pré-históricos e uma interessante seção etnográfica com inscrições latinas e gregas.

Continuando nosso caminho, depois de poucos quilômetros aparece **Tricarico**, que, à primeira vista, parece um clássico povoado da Idade Média, disposto em cima de uma elevação. É um dos poucos aglomerados italianos com bairros de impoção árabe (são dois), construídos pelo sarracenos. Há também um núcleo longobardo do século VIII, de cujo conjunto, agora praticamente perdido entre novas edificações, permanece visível apenas a pequena igreja de "Santa Maria dos Lombardos". Interessante é que os três bairros assumem nomes que se referem às suas origens: o longobardo tem o nome de Civita, e os árabes, Saracena e Rabatana (este último vem da palavra



*O Castelo  
Tramontano,  
um dos  
monumentos  
turísticos mais  
imponentes  
de Matera*



*A cidade arqueológica de Metaponto guarda parte da história da região, como o Templo de Apolo (à esquerda), e as Tábuas Palatinas (abaixo)*



*rabat*, que significa "cidade" em árabe). O povoado apresenta, assim, dois aspectos distintos: o primeiro, realçado pelos bairros sarracenos, caracterizados por aglomerados de pequenas casas de pedra, na maioria caídas, que se localizam nas bases da colina; e o segundo, evidenciado pela herança longobarda, revelada em especial na rua Garibaldi, onde se alinham os palácios da nobreza e os edifícios históricos, entre os quais chamam a atenção o Palácio Araguisto, com seu estupendo portal da segunda metade do século V, e o Palácio Ducal, de linhas austeras com pórticos em arcadas.

### **I Sassi e Matera**

"I Sassi" ("As Pedras"), em **Matera**, é a forma como são chamados os bairros

Barisano e Caveaso, onde as casas, à diferença das construções habituais, não foram levantadas com pedra, cal ou tijolos. Ali, devido a escavações em rocha calcária conhecida como tufo, e graças à resistência dessa rocha, dura e compacta, as paredes das residências foram construídas com esse mesmo material, formando um conjunto de moradias singulares.

Um passeio por "I Sassi" mostra estruturas aparentemente simples e rudimentares que se revelam, porém, prodígios de eficiência técnica. Andar por ali é uma experiência verdadeiramente única, quase como voltar para a pré-história.

Em 1952, uma lei nacional obrigou a desocupação de "I Sassi" e a construção de novos bairros para os 15 mil moradores



"I Sassi" o conjunto de dois bairros em Matera leva esse nome ("As Pedras", em português) porque suas casas são construídas de rochas provenientes de escavações

expulsos assim de suas residências. Desde então, o local ficara abandonado, mas, em 1986, o governo Italiano financiou sua recuperação. Em 1993, enfim, o sítio urbano foi declarado pela Unesco patrimônio mundial da humanidade.

Entre as igrejazinhas escavadas em "I Sassi", destacamos, por ordem de importância a de "Santa Lucia alle Malve", um complexo rupestre que antigamente hospedava uma comunidade monástica; a de "Santa Barbara", rica em afrescos; e a de "São Pedro Barisano", com fachada e campanário em alvenaria e interior quase completamente escavado na rocha.

Matera também oferece aos olhos do turista uma grande variedade de monumentos, museus, igrejas e palácios, que, por meio de arquiteturas e estilos variados, testemunham as várias épocas pelas quais a cidade passou.

A catedral, em estilo românico, construída no século XIII sobre a antiga igreja de "Sant'Eustachio" (um dos dois santos protetores da cidade), possui uma rosácea com 16 raios na parede exterior e um campanário de 52 metros. No interior da igreja, encontra-se um afresco bizantino da "Madonna della Bruna", um presépio do século XVI feito pelo escultor Altoballo Persio e um afresco representando o Juízo Final.

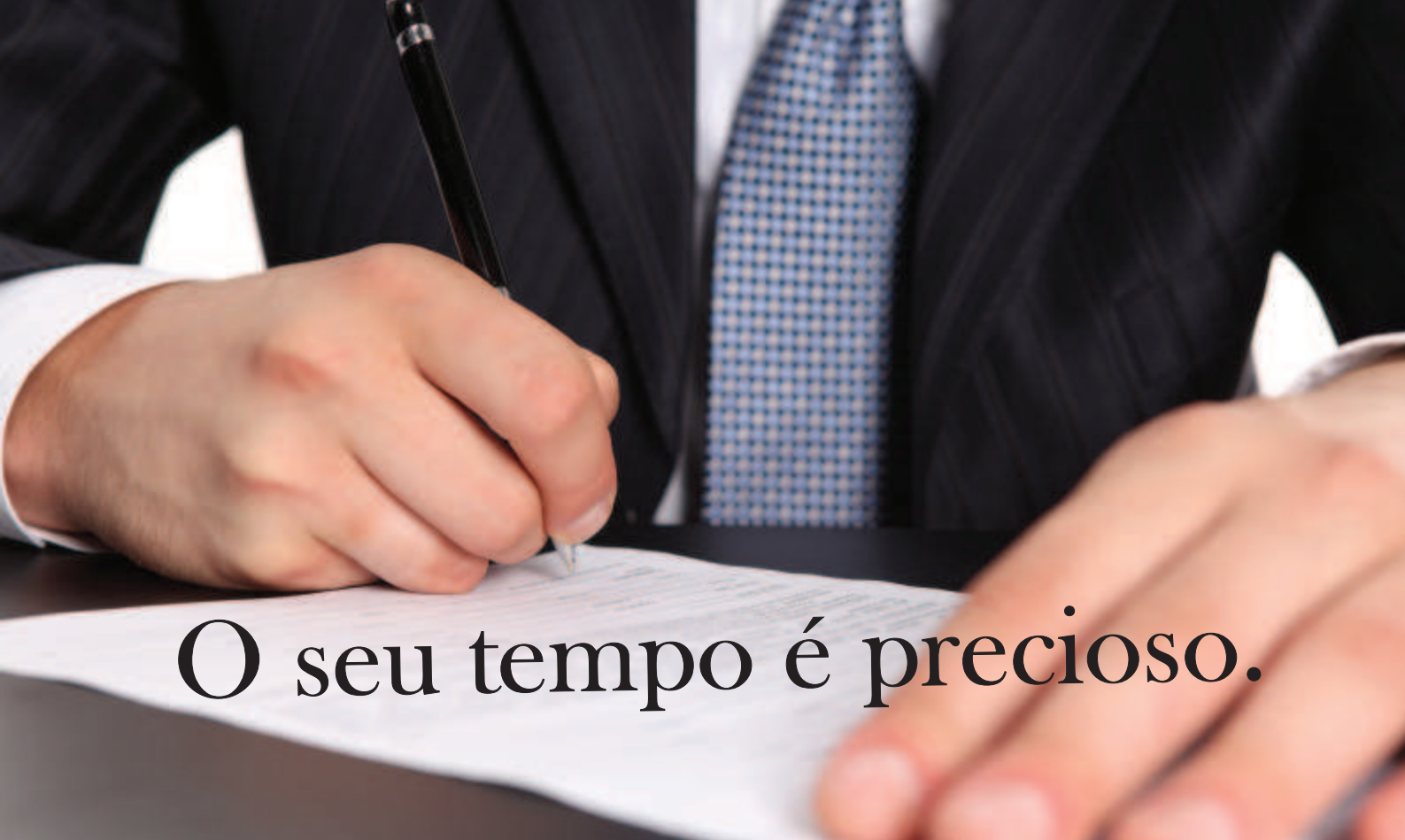
Entre os museus, todos merecem uma atenção particular. Escolheremos, porém, dois: o Museu Arqueológico Nacional Domenico Ridola, que contém materiais provenientes do território da cidade e

interessantes para a elucidação da pré-história da Itália meridional e para a confirmação do contato entre populações samnitas (enótrios e lucanos) com as colônias gregas da costa jônica; o outro museu é o Laboratório da Civilização Campanesa, cujo acervo guarda objetos e instrumentos de trabalhos relacionados a atividades artesanais em "I Sassi".

Rumamos para finalizar nossa viagem em uma área arqueológica, onde estão em curso escavações da antiga cidade de **Metaponto**, uma das várias colônias da Magna Grécia. Em uma grande área gramada, sobressaem-se em nobre e solene solidão o Antiquarium (uma estrutura octogonal), o teatro, o castro romano e os templos de Apolo Lício, Demetra, Afrodite e Hera, que fazem digna moldura ao monumento mais célebre do lugar: as "Tábuas Palatinas", templo que delimitava os confins da antiga cidade dedicada a Hera.







O seu tempo é precioso.



O do seu filho também.



Colégio Dante Alighieri.

Agora com opção de período integral até o 5º ano do Ensino Fundamental.

[www.colegiodante.com.br](http://www.colegiodante.com.br)



Por Silvana Leporace

# Artigo

## A supervalorização da vaidade

**T**emos sido bombardeados pela mídia com apelos para a obtenção do corpo perfeito. Não nos é dado o direito de mostrar que não nos enquadrados nos padrões estéticos impostos pela sociedade.

Uma pesquisa feita recentemente nos EUA com 30.000 pessoas aponta que 93% das mulheres e 82% dos homens preocupam-se com a aparência e fazem algo para melhorá-la. Dentro desse quadro, surge a preocupação com os exageros.

Meninas entre 11 e 12 anos começam a ser monitoradas por agências de modelos, apoiadas e incentivadas pelas famílias, para manterem determinadas medidas e peso até 15 ou 16 anos, quando iniciarão as atividades profissionais. A orientação é restringir a alimentação ao máximo e praticar exercícios físicos nem sempre indicados para a faixa etária.

O que não é levado em consideração é que, na fase em que essas meninas se encontram, as mudanças são rápidas e nem sempre controláveis. Verifica-se, então, o aumento significativo do número de diagnósticos de transtornos alimentares.

A anorexia nervosa caracteriza-se por uma progressiva e grave restrição alimentar somada a uma prática excessiva de exercícios físicos. Existe uma distorção da imagem corporal e a pessoa nunca consegue se enxergar magra. Na bulimia

nervosa, as pessoas ingerem compulsivamente grandes quantidades de alimentos em curto espaço de tempo, geralmente movidas pela ansiedade. Sentem-se culpadas e induzem o vômito, além de usarem laxantes ou diuréticos e praticarem exercícios físicos também de forma exagerada.

Juntando-se aos desequilíbrios já citados, hoje aparece também a "drunkorexia", ou anorexia alcoólica, que é o alcoolismo associado a distúrbios alimentares. Neste caso, a ingestão de bebida alcoólica

atende a uma troca de calorias para manter o corpo magro: substitui-se a comida pelo álcool. E embora a incidência desses transtornos seja maior nas mulheres, o número de ocorrências nos homens vem aumentando bastante.

As causas dos distúrbios são biopsicossociais, e aconselha-se que o tratamento seja realizado por uma equipe multidisciplinar. Os adultos precisam fazer observações a respeito da aparência das pessoas e dos próprios filhos.

O adolescente está na fase de construção da identidade e encontra-se facilmente influenciável.

Precisamos trabalhar a autoestima das nossas crianças e jovens para que consigam perceber que não podemos "classificá-los" por meio de padrões ditados pela indústria da beleza, e que as diferenças precisam ser respeitadas.

**Meninas entre 11 e 12 anos começam a ser monitoradas por agências de modelos, apoiadas e incentivadas pelas famílias, para manterem determinadas medidas e peso até 15 ou 16 anos, quando iniciarão as atividades profissionais. A orientação é restringir a alimentação ao máximo e praticar exercícios físicos nem sempre indicados para a faixa etária**

# Memória

Centro de Memória do Colégio Dante Alighieri



Gilmar Ferreira

A missa da Primeira Eucaristia é parte da tradição italiana mantida no Colégio até hoje. Acima, celebração da segunda metade da década de 1950, realizada na Igreja da Paz, no centro da cidade. Ao lado, a solenidade deste ano, no ginásio de esportes.



Imagens: NEWFACEPHOTOS

Bonito por fora. Moderno por dentro. Excelente no ensino.  
Colégio Dante Alighieri: em uma só escola, o que há de melhor na educação.

- Educação Infantil
  - Maternal I
  - Maternal II e Jardim (com opção de período integral)
- Ensino Fundamental (com opção de período integral até o 5º ano)
- Ensino Médio
- Opção de High School

Ligue: (11) 3179-4400  
[www.colegiodante.com.br](http://www.colegiodante.com.br)